

DIARIO OFFICIAL

REPUBLICA FEDERAL

ORDEM E PROGRESSO

ANNO XXXI—3.º DA REPUBLICA—N. 6

CAPITAL FEDERAL

QUINTA-FEIRA 7 DE JANEIRO DE 1892

SUMMARIO

SECRETARIAS DE ESTADO :

- EXPEDIENTE do Ministerio do Interior.
 EXPEDIENTE do Ministerio das Relações Exteriores.
 EXPEDIENTE do Ministerio da Marinha.
 EXPEDIENTE do Ministerio da Guerra.
 EXPEDIENTE do Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas e actos de 4 e 6 do corrente.
 EXPEDIENTE do Ministerio da Instrução Publica, Correios e Telegraphos.
 REDACÇÃO—Formas de governo—Os materiaes da sciencia economic. — A civilisação antiga — As polvoras sem fumaça — O gado vaccum — Conferencia de Ballet sobre o hypnotismo — Progreſso das machinas maritimas — Relatorio sobre a secção de artilharia da Forges et Chantiers de la Mediterranée apresentado ao vice-almirante Barão de Corumbá em seguida a visitas e estudos feitos em abril de 1891 pelo 1º tenente Carlos Barroca.
 RENDAS PUBLICAS — Alfundega Federal — Recebedoria — Mesa de Rendas do estado do Rio.
 NOTICIARIO.
 EDITAES E AVISOS.
 ANNUCIOS diversos.

SECRETARIAS DE ESTADO

Ministerio do Interior

Dia 5 de janeiro de 1892

Ministerio dos Negocios do Interior—1ª secção—Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1892.

O conego Dr. Antonio de Macedo Costa, da cathedral da diocese do Pará, requereu ao ministerio dos negocios a meu cargo que lhe seja paga a respectiva congrua na thesouraria de fazenda do estado da Bahia, onde se acha actualmente, durante o tempo em que alli residir.

Submetto o pedido a vossa decisào, visto competir ao Ministerio da Fazenda resolver sobre o assumpto.—José Hygino Duarte Pereira. — Ao Sr. Ministro de Estado dos Negocios da Fazenda.

Requerimento despachados

Conego Dr. Antonio de Macedo Costa, da cathedral da diocese do Pará, pedindo lhe seja paga a respectiva congrua na thesouraria de fazenda do estado da Bahia, onde se acha actualmente, durante o tempo em que alli residir.—E' competente para resolver o Ministerio da Fazenda, ao qual se direje aviso nesta data, submettendo o pedido a sua decisào.

Dr. Feliciano Manhães Pimenta Barreto e Francisco Manhães Barreto, arrendatarios da fazenda Nossa Senhora das Dores, situada na freguezia de S. Salvador, municipio de Cam-

pos, estado do Rio de Janeiro, e forcira ao mosteiro de S. Bento desta capital, pedindo licença para comprar a Ordem Benedictina o dominio directo sobre as terras da mesma fazenda. — Não ha necessidade de licença, visto achar-se inteiramente revogadas as leis de amortisação, como foi explicado no aviso deste ministerio de 11 do mez findo.

Frei Alexandrino José do Rosario Figueirões, provincial da Ordem dos Carmelitas da Bahia, pedindo licença para alienar terras que a ordem possui no estado de Sergipe, entre os rios Japarutaba e S. Francisco, afim de occorrer ás despezas com os reparos de que carecem o convento e igreja respectivos. — Idem.

Dr. Arthur da Costa Araujo.—Indeferido.

Ministerio das Relações Exteriores

REQUERIMENTO DESPACHADO

Dia 6 de janeiro de 1892

Amelia Marcondes de Castro.—Em 2º do junho ultimo providenciou-se para que lhe fosse abonada a quantia de 150\$, para funeral de seu marido.

Ministerio da Marinha

Dia 2 de janeiro de 1892

A' Thesouraria do estado do Amazonas, mandando abonar ao commissario Moysés Henrique Spyer a gratificação de 50\$ mensaes enquanto tiver sob sua responsabilidade, além dos objectos do navio em que serve, os da officina, lanchas e avisos fluviaes.—Communicou-se ao Quartel General.

—Ao Quartel General, indeferindo o requerimento em que o ex-2º tenente Adolpho Ferreira Caminha pede ser readmittido no corpo da armada.

—A' Capitania do Porto do Rio Grande do Sul, declarando que no verba — Capitania de portos — do exercicio de 1891 ha meios para a thesouraria de fazenda attender ás despezas de que trata o officio n. 58 de 1º de dezembro ultimo.—Deu-se conhecimento á referida thesouraria.

—Ao presidente do tribunal do jury, pedindo que sejam dispensados de comparecer aos trabalhos os empregados da Contadoria da Marinha Alvaro Antunes Marcello e Feliciano Marques Perdigão.

Ao inspector do arsenal de marinha desta capital, recommendando a maior brevidade na conclusào dos concertos que se estão fazendo na canhoneira *Lamego* que deve ser posta ao serviço da Repartição Hydrographica, convindo, portanto, que de accordo com o respectivo director sejam executadas as necessarias modificações, afim de que o dito navio possa servir ao fim a que é destinado.—Communicou-se á Repartição Hydrographica.

Ao Inspector do Arsenal de Pernambuco recommendando que informe a esta secretaria, não só si os concertos e melhoramentos propostos pelo commandante da escola de aprendizes marinheiros podem ser executados pelo mesmo arsenal, mas tambem sobre o estado em que acha-se o brigue alli em construcção e o tempo provavel em que pôde ficar prompto.

Ao inspector do Arsenal de Matto Grosso, approvando não só a licença que concedeu ao seu ajudante 1º tenente Alexandre Aurelio da Costa Junior, mas ainda o acto de incumbir ao 1º tenente Francisco Mariani Wanderley, encarregado do gabinete de torpedos, de substituir aquelle official durante o seu impedimento.

—Ao chefe do estado maior general da armada, remettendo o officio n. 100 de 18 do mez ultimo do inspector do Arsenal de Pernambuco e mais papeis, afim de que o chefe de saude naval informe sobre a parte relativa á *enfermaria de marinha*.

Ao chefe do Commissariado Geral da Armada declarando que pôde impor a *Companhia Lithotypographica* a multa em que incorreu, na forma do contracto e ajustar com quem mais vantagens offerecer o supprimento dos livros que ella deixou de fornecer.—Communicou-se á Contadoria.

—Ao capitão do porto desta capital, transmittindo o projecto de regulamento para as *Capitanias dos Portos* e papeis referentes, afim de estudar e enunciar seu parecer, propondo as alterações que julgar convenientes.

—Ao capitão do porto da Bahia, approvando o procedimento do mesmo capitão do porto sobre a demolição de um barracão e picadeiros que a *Companhia Lloyd Brasileiro* (out'ora Bahiana) possuia na ribeira de Itapagipe.

—Ao inspector do arsenal desta capital, communicando que, em vista do que expoz em officio de 10 do mez ultimo, nesta data, é incumbido o vice-inspector do mesmo arsenal capitão de mar e guerra Manoel de Moura Cirne e o chefe de secção da contadoria José Maria Ferreira para em commissão reverem os modelos da escripturação mandados executar pelo regulamento de 12 de setembro de 1890, devendo aquelle official designar um dos escreventes das directorias para completar a commissão.—Communicou-se á Contadoria.

Ao mesmo, mandando notificar ás pessoas que sendo estranhas ao serviço da repartição da marinha occupam as casas situadas na ilha das Cobras, para que se mudem quanto antes, providenciando no sentido de proceder-se á demolição não só das mesmas casas, mas ainda a do predio onde reside o ajudante do patrão-mór.

Dia 4

Ao Ministerio do Interior, transmittindo não só cópia do officio do capitão do porto de S. Paulo sobre as providencias tomadas no sentido de evitarem-se os inconvenientes da atracação de navios nos espaços existentes entre as pontes e o lado do caes que margeia a cidade de Santos, mas ainda da carta do vice-governador sobre este assumpto, declara que, attendendo-se ás reclamações do commercio daquela cidade, foi revogada a ordem na parte retativa á atracação dos navios no dito porto para a carga e descarga.

—Ao vice-almirante Joaquim Francisco de Abreu, recommendando que procure colher informações sobre um navio para o serviço de pharoes, com todos os melhoramentos modernos, visitando os navios existentes na Europa destinados a igual mister, e envie uma nota do preço e do tempo provavel para sua construcção e duração.

—Ao chefe do estado maior general, mandando elogiar o 1º tenente Caio Pinheiro de Vasconcellos, commandante do patael o Cara-

villas pelo bom desempenho da commissão aos Abrolhos, incumbida pelo capitão do porto da Bahia.

— Ao inspector do arsenal desta capital, recomendo que envie ao arsenal da Bahia 50 taboas, afim de substituirem-se as que alli chegaram arruinadas e de pressa na remessa das 96 que ainda faltam para completar a quantidade pedida. — Communicou-se ao arsenal da Bahia.

— Ao Director da Escola Naval transmitindo não só o plano de reforma da *Escola Naval Portuense*, mas também as modificações da actual organização, enviados pela legação brasileira em Lisboa.

— Ao ministro plenipotenciario do Brazil em Lisboa agradecendo a remessa que fez do plano de reforma da escola naval daquelle reino, que baixou com o decreto de 29 de novembro de 1887 e as modificações da actual organização.

— Ao chefe do Commissariado Geral autorizando a supprir e remetter a Capitania do Porto do Rio Grande do Norte os objectos requisitados para o serviço da mesma capitania, reduzindo, porém, o numero de peças de brim a cinco e substituindo os dous ancorotes por outros tantos linguados de 150 kilogrammas cada um. — Communicou-se à Capitania do Porto do Rio Grande do Norte.

— Ao contador da marinha communicando que no dia 28 do mez passado Pedro Francisco Ferreira e João José Pereira Segundo, nomeados a 24 do mesmo mez, este contra-mestre e aquelle mestre das officinas de construcções navaes do arsenal desta capital, entraram no exercicio dos respectivos logares.

— Ao capitão do Porto do Paraná approvando o procedimento no incidente com o agente do Lloyd, que negou-se a dar passagem em um dos seus paquetes, até ao Rio Grande ao capitão-tenente João Augusto Delphim Pereira, recommenda a maior energia no cumprimento da lei.

N. 27 — 3ª secção — Ministerio dos Negocio da Marinha, Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1892.

Ao capitão do porto do estado de Santa Catharina.

Alludindo ao aviso circular n. 1793 de 28 de maio do anno passado, segundo o qual as escolas de aprendizes marinheiros, excepto a desta capital, são subordinadas ás capitánias dos portos nos estados, onde não houver arsenal, consultaes em officio n. 183 de 18 do mez passado, si em tal caso pôde o commandante da escola prestar-se a ser perito em vistorias judiciaes, por simples convite ou intimação verbal do juiz seccional.

Em resposta, declaro-vos que o art. 27 do regulamento de 22 de fevereiro de 1890 designa os membros que compoem a commissão de vistorias e o aviso de 2 de julho, quem nos estados deve supprir a falta de engenheiros especialistas, aos quaes o citado juiz deveria preferir para os preditos exames.

Isto posto, declaro-vos não haver lei que prohiba que os citados commandantes sirvam de peritos nas vistorias judiciaes, precedendo, porém, convite officia, e não intimação verbal ou escripta. — *Castello José de Mello.*

Ministerio da Guerra

Expediente do dia 31 de dezembro de 1891

Ao Sr. Ministro da Fazenda:

Remettendo os papeis em que o 1º tenente da armada José Manoel Monteiro, encarregado da hora no Observatorio Astronomico, p. de substituição da quantia que pagou em novembro ultimo, a titulo de sello de nomeação, visto não julgar-se a isso sujeito no desempenho da commissão militar, afim de que se digne emittir sua opinião a semelhante respeito.

Solicitando providencias, afim de que sejam pagas as seguintes contas: a B. W. Moss na importancia de 1:220\$316, à Companhia Industrial do Brazil na de 511\$500, a J. F.

Marques & Comp. na de 352\$, a José Antonio Gonçalves & Comp. na de 111\$632, a Ribeiro Macedo & Comp. na de 51\$ e a W. R. Cassels & Comp. na de 54\$, provenientes de diversos artigos fornecidos à Intendencia da Guerra durante o corrente exercicio; ao Lloyd Brasileiro na de 9:763\$580 da passagens concedidas a officias e praças do exercito; à *Société Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro* na de 434\$480, a Correa Rosas & Comp. na de 125\$ e a Pereira da Silva Martins na de 398\$070, de fornecimentos que fizeram e obras que realisaram em diversos estabelecimentos deste ministerio; ao Lloyd Brasileiro na de 202\$500, da passagem concedida a um empregado da commissão da linha telegraphica de Cuyabá ao Araguaya que para alli seguiu em serviço; à Companhia F. rro Carril Villa Isabel na de 111\$100, relativo a passagens dadas no corrente exercicio a praças do exercito; a G. Leuzinger & Filhos na de 1:150\$, da impressão de ordens do dia da Repartição de Ajudante General; a José Antonio Gonçalves & Comp. na de 50\$, de materias fornecidos para os obras do abastecimento de agua ao Hospital Militar Provisorio do Andarhy; ao almoxarife do Hospital Central do Exercito na de 266\$536, de despesas miudas do mesmo hospital realisadas no mez de novembro findo; e bem assim que seja entregue ao mesmo almoxarife a quantia de 1:000\$, afim de occorrer ao pagamento das despesas miudas do mesmo estabelecimento no exercicio proximo futuro, de conformidade com o aviso d'este ministerio de 9 de janeiro de 1890.

— Ao Sr. Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, restituindo, convenientemente informado pela commissão tecnica militar consultiva, os papeis que acompanharam o aviso desse ministerio n. 20 de 6 de outubro ultimo, e nos quaes Manoel Felippe de Souza Leão pede se lhe conceda a construcção, uso e gozo de uma estrada de ferro que, partindo do estado de Santa Catharina, vá terminar no do Rio Grande do Sul.

— Ao Sr. ministro da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos, sollicitando providencias para que a Directoria Geral dos Telegraphos receba a linha telegraphica de Cuyabá ao Araguaya, visto estar concluída a sua construcção, cessando desde já a despeza que com ella se faz por este ministerio.

— Ao Conselho Supremo Militar, remetendo, para consultar com seu parecer, o requerimento e mais papeis em que o major fiscal do 1º regimento da cavallaria José Caetano de Faria pede que se lhe conte antiguidade de seu posto de 17 de março de 1890.

— Aos membros da junta governativa do estado da Bahia, communicando que, tendo o ex-governador desse estado sollicitado em officio n. 67 de 21 de novembro findo, que fosse cedido pelo governo federal a fortaleza do Barbalho, para nella aquartelar a força policial, não é possível attende a esse pedido, já porque pôde o governo mais tarde precisar daquella fortaleza, já porque pretende para alli transferir o hospital militar da guarnição, conforme propoz o commandante do 3º districto.

— Ao inspector da Thesouraria de Fazenda do estado de Santa Catharina remettendo, para informar, os papeis relativos à impugnação feita, pela mesma thesouraria, ao pagamento da gratificação de commando, ao commandante da fortaleza de Santa Cruz, nesse estado.

— Ao inspector da Thesouraria de Fazenda do estado do Rio Grande do Sul remettendo, para informar, os papeis relativos:

A entrega indevidamente feita, pelo então commandante da companhia do 3º regimento de cavallaria tenente Luiz Carlos de Magalhães Ferreira, à pagadoria central em maio de 1889;

Ao pagamento que reclama Mauricio José Moreira, como procurador das ex-praças do exercito Manoel Francisco de Araujo, Ray-

mundo Ferreira de Barros, Luiz Antonio Amancio, Sebastião Pereira de Oliveira, Manoel Domiciano, Manoel Rodrigues de Magalhães e João Ignacio da Silva, de diversos titulos de divida de fardamento pertencentes ás mesmas ex-praças.

— Ao inspector da Thesouraria de Fazenda do estado de Minas Geraes, declarando, em resposta ao seu officio n. 39 de 11 do corrente, que fica autorisado a processar e liquidar, nos termos das disposições em vigor, as dividas reclamadas pelos alferes honorarios do exercito Antonio Ricardo dos Santos e Francisco de Paula Silva, este como encarregado do deposito de artigos bellicos e aquelle por haver servido em uma commissão militar.

— Ao Director Geral das Obras Militares:

Declarando que deve providenciar no sentido de serem nomeados dous engenheiros para com o director do Observatorio do Rio de Janeiro, procederem à escolha de uma localidade mais appropriada à edificacão do novo observatorio, devendo desde já cessar qualquer trabalho que esteja executando no morro de Santa Thereza, e archivar-se as cadernetas de exploração e desenhos que tenham sido feitos.

Determinando que providencie para que, com toda a urgencia, sejam enviados a este ministerio o projecto, plantas e orçamento da despeza com a construcção do hospital militar desta capital, que, segundo declarou a inspeccão Geral do Serviço Sanitario do Exercito, se acham nessa repartição.

Ao director do arsenal de guerra da capital, determinando que providencie para que por operarios desse arsenal, sejam concertados um portão da escola pratica e um canhão La Hitte, 12 carabinos, um morteiro pirovete e uma cabrilha pertencentes à mesma escola.

— Ao commando do Collegio Militar, concedendo licença para no anno proximo vindouro se matricular nesse collegio, se houver vaga e satisfizer as exigencias regulamentares, ao menor Pery de Castro Lavor, filho do finado capitão de cavallaria Floriano de Castro Lavor.

— A Intendencia da Guerra:

Mandando fornecer, ao corpo policial do estado de Matto-Grosso, 138 carabinos do sistema Chassepot, com os correspondentes sabres e munição, devendo ser enviada a esta secretaria de Estado a conta da respectiva importancia para a competente indennisação.

Declarando, em solução ao seu officio n. 116 de 20 de novembro findo, que, segundo participou o Ministerio da Marinha em aviso de 21 do corrente, sob n. 3083, não pôde aquelle ministerio fazer o fornecimento a essa intendencia dos 5.000 metros de tela amiantina de que trata no mesmo officio, por só dispor do que lhe é preciso para o respectivo serviço, convido, portanto, aguardar a remessa que desse artigo, tem de chegar da Europa brevemente.

Ao director da Contadoria Geral da Guerra declarando que deve ser restabelecido, da data da suspensão, o pagamento da gratificação a que tem direito os ministros adjuntos do Conselho Supremo Militar de Justiça, por não se poder considerar accumulacão o exercicio de funcções que só elles podem e são obrigados a exercer em virtude da legislação em vigor.

Ministerio dos Negocios da Guerra—Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1891.

A Repartição do Ajudante General, deferindo o requerimento do medico de 2ª classe Dr. Francisco de Paula Alvellos, e à vista da informação prestada pela inspeccão geral do serviço sanitario do exercito, determina o sr. Vice-Presidente da Republica que nos assentamentos do mesmo medico sejam cancelladas as notas de prisão por tres dias, de reprehensão em ordem do dia daquella inspeccão, n. 17, de 3 de novembro ultimo e de advertencia em ordem do dia dessa repartição, n. 179 de 11 do dito mez, por haver deixado de apresentar-se ao vice-governador do estado de Goyaz

quando assumiu este o cargo de governador, visto haver se justificado plena e cabalmente de semelhantes accusações—*José Simão de Oliveira*.

A Repartição do Ajudante General, transferindo, conforme pedem, para o 28º batalhão de infantaria os alferes Adão Carvalho de Barcellos e José Luiz Salgado da Cunha, este do 3º e aquelle do 30º batalhão da mesma arma.

Concedendo troca de corpos entre si aos alferes João Baptista Ramos, do 5º regimento de cavallaria e Gaudencio Pereira de 12º da mesma arma.

As seguintes licenças :

Para tratamento de saúde: por 30 dias ao major do 8º regimento de cavallaria José Florencio de Toledo Ribas; e por dous mezes no estado de Pernambuco ao 1º cadete 2º sargento do 5º regimento de artilharia Manoel de Barros Lins, inspeccionados em 15 e 24 do corrente e ao alumno da escola militar da capital Antonio Gomes Dantas, a quem se deve abonar passagem para descontar na forma da lei.

Por dous mezes, para tratarem de seus interesses, aos alumnos da escola militar desta capital Valerio Barbosa Falcão, no estado do Amazonas; Arnaldo Pires de Andrade, no do Pará; Acrisio Augusto Valente, no do Maranhão; Vicente Francellino de Albuquerque, no do Ceará; Manoel Luiz de Bulhões Marques e Manoel Heleno Rodrigues dos Santos Junior, no das Alagoas; José Joaquim de Sá e Beneditas, no da Parahyba; Arthur Abdon Povoas, no de Goyaz; Rosalvo Mariano da Silva, Antonio Dias Teixeira de Mesquita e Manoel Rosa Soares, no de S. Paulo; Juventino Fernandes da Fonseca, Augusto Paula de Mascarenhas e Luiz Carlos de Oliveira, no de Minas Geraes; Pedro Rodrigues Barbosa, Antonio Dias da Rocha, Herculano Antonio Pereira da Cunha e Getulio Romualdo dos Santos, no da Bahia; José Azevedo da Silveira Sobrinho, no do Paraná; Aristides Ferreira Bandeira, João Buarque Barboza Lima e José Pacifico Rufino da Silva, no de Pernambuco e José Narciso Dias Teixeira de Queiroz Junior, no do Rio de Janeiro; devendo, para os que seguem para os differentes estados, ser abonadas as respectivas passagens, fazendo-se-lhes carga para descontarem na forma da lei.

Ao soldado reformado do exercito Martinho Cardoso de Oliveira, incluído no Asylo dos Invalidos da Patria, para residir fora daquelle estabelecimento, por onde continuará a perceber seus vencimentos.

Ao alferes do 26º batalhão de infantaria Pedro de Barros Palmeira para, de ora em diante, assignar-se Pedro da Silva Trovão.

Para, no anno proximo vindouro se matricularem na escola militar da capital, si houverem vagas e satisfizerem as exigencias regulamentares: ao soldado Antonio Augusto de Campos Nunes e ao 2º cadete Jeronymo Furtado do Nascimento, do 2º regimento de artilharia de campanha; ao cabo de esquadra do 22º batalhão de infantaria João Paes Barreto de Barros; ao 1º cadete 2º sargento do 11º da mesma arma Ernesto Zeferino Duarte Nunes e ao paisano Octalicio da Cunha Mattos, devendo assentar praça previamente, e ficando todos desde já á disposição do commandante da escola; ao 2º cadete do 8º regimento de cavallaria Clemente de Souza e Silva, devendo previamente prestar exame vago de geometria; e bem assim ao cabo de esquadra do 1º batalhão de artilharia de posição Orpheo da Silva Ribeiro, a quem já se concedeu licença para matricular-se por portaria de 5 do corrente.

Mandando:

Passar, pelo 24º batalhão de infantaria, titulo de divida da importancia da primeira prestação do premio de voluntario a quem tem direito o 2º sargento do mesmo batalhão Aristobolo Graccho Teixeira Lopes, visto não se ter matriculado na escola militar da capital, como pretendia.

Por á disposição do governador do estado do Rio Grande do Sul o tenente do 30º batalhão de infantaria José Borges do Canto, afim de exercer o lugar de commandante da guarda civica do mesmo estado, e do commando da

Escola Militar do Ceará o 2º cadete do 23º batalhão da mesma arma João Leonel de Alencar.

Inspeccionar de saúde o 2º tenente alumno da Escola Superior de Guerra Francisco Antonio de Arruda Pinto e o soldado addido ao corpo de alumnos da escola militar da capital Augusto Belfort das Neves, e o alumno da do estado do Ceará Gustavo Frederico Bento Muller.—Fizeram-se as necessarias communicações.

Ministerio da Agricultura

Por portaria de 6 do corrente, foram concedidos seis mezes de licença, com vencimentos, na forma da lei, ao amanuense da Inspectoria Geral das Terras e Colonisação Durval Nabal Pamplona, para tratar de sua saúde onde lhe convier.

Por acto de 4 do corrente, foram considerados sem effeito o contracto celebrado com Augusto Xavier Carneiro da Cunha para construção de obras do prolongamento na Estrada de Ferro de Baturité comprehendido entre Quixadá e Quixeromobim por não ter precedido concorrência publica nos termos do art. 14 do decreto n. 2922 de 10 de março de 1862 e bem assim a portaria de 10 de novembro proximo passado que approvou as condições geraes, especificações e tabellas de preços para as obras do mencionado prolongamento, que serão feitas administrativamente, segundo ordena que foram expedidas.

Ministerio dos Negócios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.—Directoria da Agricultura—3ª secção — Rio de Janeiro, 6 de Janeiro de 1892.

Recommendo-vos que, sem perda de tempo, façais constar á Companhia Metropolitana a conveniencia de cingir-se ella, em relação á introdução de imigrantes dos seus contractos, á importância da verba votada pelo Congresso Nacional para o corrente exercicio.

Saude e fraternidade.—*Antônio Gonçalves de Faria*.—Sr. inspecior geral interino das terras e colonisação.

Ministerio da Instrução Publica, Correios e Telegraphos

Additamento ao expediente do dia 22 de dezembro de 1891

Ao Ministerio da Fazenda solicitaram-se providencias para que ao professor de canto choral do Instituto Nacional de Musica Ignacio Porto Alegre seja paga a gratificação adicional de 1:000\$ que lhe compete na forma do disposto no art. 18 do regulamento de 24 de outubro de 1890, por ter sido designado para reger a cadeira de solfjo individual do mesmo instituto.

D'a 21

Ao director do Instituto Nacional de Musica communicou-se que, por portaria desta data, foram concedidos dous mezes de licença com ordenado, na forma da lei, para tratar de sua saúde, a Gastão Jcolás, amanuense daquelle instituto, em prorrogação da em cujo goso se acha.—Deu-se conhecimento ao Ministerio da Fazenda.

—Ao director do Instituto dos Surdos-Mudos communicou-se que, por portaria desta data, foi nomeado Alfredo Vieira para exercer interinamente o lugar de escriptuario daquelle instituto.—Deu-se conhecimento ao Ministerio da Fazenda.

—Ao bacharel Francisco Bhering declarou-se que, nesta data, foi deferido o requerimento em que pede prorrogação, por mais tres mezes do prazo marcado para a commissão em que se acha na Europa.—Deu-se conhecimento ao Ministerio da Fazenda e ao director da Escola Polytechnica.

—Ao director da Escola de Minas de Ouro Preto autorizou-se, em resposta ao officio sob n. 695 de 19 do corrente mez, a renovar sob as mesmas condições o contracto com o professor Paul Ferrand para continuar a reger naquella escola a cadeira de lavra de minas e metallurgia, durante o proximo anno de 1892.

D'a 23

Ao Ministerio da Fazenda communicou-se que, por decreto de 19 do corrente, foi exonerado o Dr. João Ernesto Viriato de Medeiros do lugar de director da Escola Polytechnica.

—Ao mesmo ministerio declarou-se que o Dr. Epiphânio Candido de Souza Pitanga, lente da 2ª cadeira do 1º anno da Escola Polytechnica, conforme communicou em officio n. 156 desta data, assumiu a direcção da mesma escola, em vista do art. 2º dos estatutos vigentes.

—Ao administrador da Imprensa Nacional remetteu-se, em solução ao officio de 23 do corrente mez, a relação das repartições e funcionários a quem, por ordem deste ministerio, deve ser distribuído o *Diario Official*.

Dia 24

Ao governador do estado do Rio Grande do Sul, communicou-se que, conforme propoz, foi nomeado commissario do governo para fiscalisar os proximos exames geraes de preparatorios a que se tem de proceder no gymnasio official daquelle estado, de accordo com as instrucções que baixaram com o decreto n. 668 de 14 de novembro ultimo, Apollinario José Gomes Porto Alegre.—Deu-se conhecimento ao nomeado.

Dia 25

Ao director da Escola Normal declarou-se que ao professor da mesma escola Alfredo Coelho Barreto é permittido, conforme requeru, passar o periodo das férias fora desta capital, sem prejuizo dos respectivos vencimentos.

—Ao director do Instituto Benjamin Constant communicou-se que é permittido ao repetidor daquelle instituto Henrique Alberto da Rocha passar as férias do corrente anno lectivo na cidade de Buenos Aires, sem prejuizo dos seus vencimentos.

—Aos membros da junta governativa do estado de Pernambuco accusou-se o recebimento do officio de 18 do corrente mez, em que communicam haver assumido a administração daquelle estado.

Dia 30

Ao governador do estado da Bahia, accusou-se o recebimento do officio de 23 do corrente, em que participa haver assumido, na mesma data, o cargo de governador daquelle estado, para qual foi eleito.

—Aos membros da junta governativa do estado do Piauí, declarou-se, em resposta ao telegramma de 28 do corrente mez, que o commissario do governo nomeado para fiscalisar os exames geraes de preparatorios que se tem de realizar naquelle estado, é o Dr. José Euzebio de Carvalho Oliveira e não Dr. José Euzebio de Carvalho, como se declarou em avio de 26 de novembro ultimo.

Dia 31

Ministerio dos Negócios da Instrução Publica, Correios e Telegraphos—1ª secção.—Capital Federal, 31 de dezembro de 1891.

Restituindo-vos os papeis que acompanharam o vosso aviso n. 3703 de 8 do corrente, cabe-me declarar-vos que, em face do decreto n. 3072 de 27 de maio de 1882, os exames prestados pelo pharmaceutico Rudolf Seelman na Escola de Pharmacia de Ouro Preto devem ser considerados validos, porquanto, tendo elle feito esses exames e recebido o grau de pharmaceutico por aquella escola em 22 de novembro do anno findo, quando nas faculdades de medicina ainda vigoravam os esta-

tutos de 25 de outubro de 1884, cujo curso de pharmacia era identico a da referida escola, não pôde o mesmo pharmaceutico ser collido pelo art. 7º dos actuaes estatutos das mencionadas faculdades.—José Hygino Duarte Pereira.—Sr. Ministro de Estado dos Negocios do Interior.

Dia 2 de janeiro de 1891

Ao gerente da Companhia Lloyd Brasileiro solicitaram-se providencias para que por conta deste ministerio, tenha passagem de 1ª classe em um dos vapores daquella companhia para o estado do Maranhão, o alumno do Instituto Benjamin Constant Manoel de Souza Cruz.—Deu-se conchimento ao director daquelle instituto.

—Ao Ministerio da Fazenda communicou-se que por proposta do respectivo lente, foi pelo director da faculdade de medicina desta capital designado em 5 de dezembro ultimo, para exercer interinamente o lugar de interno de clinica pediatrica o alumno Franklin Damas de Queiroz, em substituição ao alumno José Cyriaco Gurjão, que serviu somente até ao dia 26 de novembro proximo findo.

—Ao mesmo ministerio declarou-se que sob proposta do respectivo lente, foi pelo director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, designado em 12 de dezembro ultimo para exercer interinamente o lugar de interno da 1ª cadeira de clinica cirurgica o alumno Joaquim Ferreira Coutinho em substituição ao alumno José Vieira Netto Leme, que serviu somente até 6 de novembro findo.

Requerimento despachado.

João Bernardo de Azevedo Coimbra.—Não tem lugar.

Repartição Geral dos Telegraphos

Expediente do dia 23 de dezembro de 1891

Foi removido da estação de Belém para a do Recife, o adjunto Ignacio Pereira de Brito.

Concederam-se quinze dias de licença, na forma do regulamento, ao telegraphista de 2ª classe José da Costa Barros Vianna de Lima, para tratar de sua saúde.

Autorisou-se o abono da ajuda de custo de 40\$, ao telegraphista de 2ª classe Aristides Alves Canaes, removido da estação Central para a de Jaraguá.

Foi designado o desenhista Jacintho Alves da Silva, para substituir o chefe do escriptorio de desenho, durante o seu impedimento.

Dia 24

Concederam-se quinze dias de licença, na forma do regulamento, ao adjunto Julio Anselmo Martins Felgas.

Foi demittido o guarda-fio Joaquim Francisco Antonio, que servia no 11º districto telegraphico.

Foi diplomado e nomeado adjunto, o practicante Manoel Accioly de Moraes Cahet.

Foi demittido, por conveniencia do serviço, o adjunto Januario Luiz de Souza.

Autorisou-se o abono da ajuda de custo de 20\$, ao telegraphista de 2ª classe Saturnino de Oliveira Eucypira, transferido da estação do Recife para a de Maróim.

Dia 25

Foram removidos da estação de Petropolis para a Central, o telegraphista de 3ª classe Sylesio de Oliveira, e desta para aquella, o telegraphista de igual classe Carlos Augusto de Lima e Cirne.

Permittiu-se que os adjuntos Alexandre José de Araujo Amorim e Ricardo Francisco Canejo, este da estação Central e aquella da de Petropolis, permittassem entre si as respectivas estações, correndo as despesas de transporte por conta reciproca.

Foram diplomados e nomeados adjuntos, os praticantes Silvestre de Assis Rios, João Evangelista da Cunha, Paulo Martins Peixoto e Generoso Vieira da Rosa.

Foi designado para servir na estação de Maceió, o adjunto Manoel Accioly de Moraes Cahet.

Dia 28

Autorisou-se o chefe do 10º districto telegraphico, a despendar até a quantia de 80\$, com os concertos de que necessita a estação de Blumenau.

Ao chefe do 13º districto telegraphico a comprar 30 postes de madeira para substituição dos de ferro nos banhados por onde atravessa a linha daquelle districto.

Ao chefe do 4º districto telegraphico a contemplar em fèria com a diaria de 1\$500 o trabalhador ou guarda-freio que substituir o vigia Avelino Germano Vieira, durante o seu impedimento.

— Foi removido da estação de S. Paulo para a Central o adjunto Francisco Solano Beroquy.

Dia 29

Autorisou-se o abono da ajuda de custo de 20\$ ao telegraphista de 2ª classe Manoel Telles Nogueira Cravo, transferido da estação de Maróim para a de Laranjeiras.

—Foram removidos da estação de Cachoeira (norte) para a Central, o telegraphista de 2ª classe Luiz Cyriaco Fachinetti; da da Bahia para a da Cachoeira, o telegraphista de igual classe José Firmino Ramos, cessando a indisponibilidade de sua mulher a adjunta Maria Gomes de Menezes Ramos que foi designada para a referida estação.

—Foi designado para servir na estação Central, o adjunto Leoncio Amando de Almeida, ficando desligado do 8º districto telegraphico ao qual pertencia.

—Foi removido da estação de S. Sebastião para a de Mangaratiba, o adjunto Gilberto Soares Pinto, ficando a disposição da directoria o telegraphista de 3ª classe Augusto Coelho Duarte que se achava como encarregado dessa estação.

—Foi nomeado feitor de linha, o cidadão Eduardo da Cunha Moraes.

Dia 30

Foram designados para servirem: no 11º districto, o adjunto Generoso Vieira da Rosa; no 12º, João Evangelista da Cunha e Paulo Martins Peixoto; no 13º, Silvestre de Assis Rios.

—Foram nomeados para a estação de São Paulo os telegraphistas de 3ª classe João Thomaz Ramos e Raul Abot, este da estação de Porto Alegre e aquelle da de S. Borja.

—Foi designado para servir na comissão militar encarregada da construção da linha telegraphica de Uberaba ao Araguaia, o feitor Eduardo da Cunha Moraes, a requisição do Ministerio da Guerra.

—Foram removidos da estação central para o 8º districto telegraphico—à disposição do respectivo chefe—os adjuntos José Ignacio de Faria e José Affonso Wamosy.

Dia 31

Foi removido da estação de Santos, a requisição do Ministerio da Guerra, afim de servir na comissão militar encarregada da construção da linha telegraphica de Uberaba ao Araguaia, o adjunto Francisco Pereira Mapinho, ficando prejudicada sua anterior remoção para a estação do Lazareto.

—Foi designado engenheiro-ajudante Carlos Leopoldo Ferreira para servir interinamente como chefe do 9º districto telegraphico.

—Foi exonerado a seu pedido o adjunto Mario Homero Novaes.

—Foi removido da estação de Santos para a Central o adjunto Alexandre José Pereira da Silva.

— Autorisou-se:

O abono da ajuda de custo de 20\$ ao telegraphista de 3ª classe Romeu Augusto Bormann de Borges que se achava em comissão nas estações da Bahia e Pojuca;

Ao chefe do 11º districto telegraphico a saccar pela Thesouraria de Fazenda de Porto Alegre até a quantia de 7:600\$ para o transporte de material destinado à construção da linha de Passo-fundo a Nonolay;

Ao chefe do 14º districto telegraphico a saccar pela Thesouraria de Fazenda de Ouro Preto a quantia de 4:300\$ para as despesas de conservação do mez de novembro,

REQUERIMENTOS DESPACHADOS

Dia 23 de dezembro de 1891

Jacintho Alves da Silva.—Designo o supplicante para substituir o respectivo chefe durante o seu impedimento.

Antonio Maria Rioja.—Certifique-se.

José da Costa Barros Vianna de Lima.—Concedo 15 dias, na forma do regulamento.

Edmundo de Albuquerque Ribeiro e Silva (Maceió).—Admitta-se.

Affonso Henriques Roehling (Santos).—Não ha que deferir; os serviços prestados pelo supplicante já se acham consignados.

Guilherme dos Santos.—Para que o peticionario seja attendido é preciso que o destinatario entregue o vale de Rp. a estação que o lavrou acompanhado do pedido de restituição do expedidor.

Intendencia da Villa Nova, Almeida.—Não cabe a esta directoria deferir; dirija-se ao Governo Federal.

Rodolpho Pinto da Luz (Desterro).—Admitta-se.

Dia 29

Duarte Paes de Azevedo (Aracajú).—Aguarde vaga.

Dia 21

Antonio Pedro da Silva.—Disignou-se substituto para o supplicante que provisoriamente ficará addido à central.

Benedicto Panapense da Cruz Machado (Paranáguá).—Os attestados juntos não supprindo certidões de exame, e alem disso referindo-se apenas a parte dos preparatorios exigidos pelo art. 50 do regulamento, indefiro a presente petição.

Julio Cesar de Alvarenga Netto.—Tendo já o supplicante alguns dos preparatorios exigidos pelo art. 50 do regulamento, permitto-lhe frequencia da aula durante o proximo anno, não podendo, porém, prestar o exame de telegraphia sem satisfazer completamente as condições do referido artigo.

Sabino José de Sant'Anna.—Abone-se na forma do regulamento.

José Bernardo Bezerra e Menezes Filho (Fortaleza).—Admitta-se.

José Alves Bezerra de Oliveira (Fortaleza).—O supplicante apenas apresenta certidão dos preparatorios de portuguez, francez, arithmetica e calligraphia, deixando de juntar as que faltam para ser attendido.

Julio Machado Guimarães (Recife).—Deferido, devendo ser satisfeito o exame de algebra antes do de telegraphia.

Dia 23

Fonseca Silva & Comp.—Deferido de accordo com o art. LXIX, § 1º da Convenção Internacional.

Saturnino Ferreira Tinoco.—Opportunamente será attendido.

Manoel Luiz de Lemos.—Faça-se o abono de conformidade com a informação da secção de contabilidade, cumprindo ao peticionario requerer licença no caso de continuar doente.

Engenheiro Gustavo Luiz Guilherme Dolt.—De accordo com a presente informação effectue-se o pagamento dos ordenados vencidos a partir de agosto ultimo.

Dia 31

Romeu Augusto Bormann de Borges.—Abone-se 20\$000.

Dia 31

Leonor de Castro Ribeiro.—Admitta-se como ouvinte devendo satisfazer as condições exigidas pelo regulamento antes de prestar o exame de telegraphia.

Aristides Lobão (Aracajú). Deferido.

Julio Americo Brazil (Maceió).—Não apresentando o supplicante certidões de exames prestados perante a delegacia de Instrução Publica do Estado das Alagoas, não pode ser attendido.

Augusto Diogo Tavares.—Sim, mediante recibo.

Theinistocles Rodopiano Gonçalves dos Santos.—Satisfaza as exigencias do art. 50 do regulamento para poder ser attendido.

REDACÇÃO

Fórmulas de governo

VIII

A olygarchia dos fidalgos de encontro ao poder do rei assediado, vencido e, por vezes, annullado, é, pois, quanto traduzem o espirito e a letra da *Magna Charta*.

A lucta entre os *barões* e demais nobres, conquistando maior somma de liberdade individual e de autoridade e poder para si, não exprimia sinão a divisão da propria tyrannia, continuando a pesar barbaramente sobre a grande massa nacional.

As referencias feitas pela *Magna Charta aos homens livres, aos rendeiros livres, aos negociantes e aos vilões* provam claramente o modo como, até então, haviam sido tratados os representantes das classes desprivilegiadas, agora gosando de bem estreitas concessões e favores, descidos da autoridade dos *barões*, condes, viscondes, por si e por seus herdeiros.

Filangieri, citado por Proudhon, assera :

«O feudalismo é uma especie de constituição pela qual o estado é dividido em multiplos e pequenos estados, e a soberania em uma multidão de soberanias.

«Ahi o exercicio da autoridade não é distribuido; mas a autoridade em sua essencia fraccionada e alienada.

«Governo que rompe os laços sociaes em vez de apertal-os; que impõe ao povo muitos tyrannos, em vez de um só, o rei.

«Ao invéz de impedir ao monarcha a pratica do mal, essa organização nobiliarchica multiplica ao redor do soberano obstaculos que o afastam do bem.

«Colloca entre o principe e o povo um corpo poderoso, sempre occupado em usurpar os direitos de um e opprimir ao outro.

«Em uma palavra, o feudalismo, reunindo incessantemente a aristocracia tumultuosa a um despotismo dividido, firma a dependencia da monarchia sem a actividade constitucional e a confusão da falsa fórmula de reconhecimento a direitos individuaes.»

Na simulada distribuição da justiça ás classes inferiores havia, ao envez do mais rudimentar preceito da igualdade humana e das justas concessões legais, fonte abundante de exploração dos que não descendiam dos senhores.

Sob essa feição ainda a formula monarchica, oriunda do feudalismo, representa claramente a pressão dos poderosos, rei ou *barões*, sobre os desprovidos da propriedade territorial, e os repellidos das casas nobres ou do solio regio.

A condensação de poderes que os *barões* tomaram a si, quer aquelles que impuzeram a *Charta* de 1.215, quer mais particularmente aos auctores da *Provisão de Oxford*, não tendia, de certo, para outro ideal que não fosse o do cunho senhoreal e monarchico.

Parlamentos, juizes, chancellor, thesoureiro, officiaes do rei . . . Todos nomeados pelos

barões que assim compartilhavam imperiosamente da direcção nacional e das vantagens e rendas da corôa.

Ao lado da perpetua propriedade, territorial e da hereditariedade do poder soberano estava firmado inatacavel o principio da perpetua posse dos senhores, com seus direitos e privilegios hereditarios.

A este periodo e á face desse poder monarchico, subdividido e parcellado, são applicaveis conceitos que lemos em escriptor contemporaneo :

«Quaesquer que tenham sido, segundo os tempos e os logares, os modos como se distribu o poder real, o delegado do monarcha, exercendo por elle parte da acção soberana, e percebendo em nome do rei os emolumentos devidos, segundo o espirito da monarchia, se tornava rendeiro do rei e, por consequencia, seu devedor.

Pelo usufructo ou posse de um terreno, era obrigado a pagar uma renda, do mesmo modo como pagaria pela applicação da justiça.

«Para a monarchia, tal qual a instituida sob as formulas, agora aqui discutidas, todas as funcções sociaes sendo dependentes da corôa, tendiam a multiplicar até indefinidamente os feudatarios, porque assim cresciam o numero de *creaturas* e a somma das rendas.»

Não ha como fugir da logica que, em nome do espirito progressista e das inspirações democraticas, condemna a fórma de governo monarchica, ora enfeixando nas mãos do principe toda a somma de poder, dominando a propriedade, a acção e até a vida dos subditos; ora dividindo e parcellando essas tyrannicas attribuições e privilegios com os nobres e os olygarchas.

Pagar aos senhores ou ao rei as rendas da terra cultivada e habitada; sentir o peso da justiça pessoal dos nobres, a qual outra cousa não era sinão a exploração dos renderos e dos servos; estar sujeito á tutela do rei e dos seus officiaes ou dos nobres revoltados; obedecer aos senhores perpetuos e aos seus herdeiros; receber como doação magnanima algumas concessões e estreitissimos exercicios da propria liberdade individual, da sua propriedade e do seu commercio; viver absolutamente impedido de aspirar ao poder publico, á parcella da fiscalisação do que paga e do que entrega; ser selado com o epitheto de *vilão*, de *servo*, enquanto os ricos e poderosos senhores consomem todas as forças e productos dessas denominadas classes inferiores; ver acima de si a olygarchia passante e violenta, na posse integral de todo o mando e da somma illimitada do poder. . . tais eram as condições a a que se agrihava a maior parte das nacionalidades regidas pelo systema da monarchia feudataria.

Nem delle ainda se redimiram povos contemporaneos, no centro, no occidente e no oriente da Europa.

Força irresistivel é essa, traduzida pela tendencia humana á evolução progressiva.

As collectividades de tribus ou de povos, desde que se fixam no solo ou iniciam as organizações sociaes, desdobrando as formulas institucionaes, ainda que instaveis a principio e imperfeitissimas na essencia, ascendem gradualmente a conquistar novos meios de manutenção e melhoria.

Por fortes e absorventes que hajam sido os poderes dos soberanos ou dos olygarchas; por mais acutelados que se mostrem os reis e os seus privilegiados, na segregação das sociedades e do povo; por maiores e mais pesados gravames que os proprietarios perpetuos do solo nacional imponham á grande massa das classes inferiores, no empenho de reduzi-las ao servilismo e á exploração; a evolução lenta ou rapida, a conquista de novos ideaes, se impõe patente ou latentemente.

Atravez dos seculos, é esta a incontestada verdade historica, tantas vezes pronunciada pela voz eloquente das revoluções e outras tantas esquecidas pelos que se julgam predeterminados ao dominio perpetuo dos homens e á transmissão do poder soberano aos seus herdeiros.

Longuissima e pertinaz tem sido a lucta das aspirações democraticas contra a monarchia sempre instituida sobre a usurpação e a fraude ou amparada pela appellação do direito divino.

As minorias compostas dos conquistadores e dos mais fortes se apressam de todos os meios e de todos os elementos para ater-se ao dominio perpetuo e á transmissão dos privilegios; enquanto aos subditos servos, devedores e vilões, fallecem até os meios de reclamo em favor da propria vida e dos poucos haveres.

Exemplo desse dominio pelos privilegiados sobre os inferiores e submettidos é a permanencia do povo inglez sob esse regimen, oriundo das instituições barbaras, firmadas na Europa sobre os destroços do mundo galo-romano.

Por meio seculo, a nacionalidade ainda sobre que pasara o poder soberano dos principes e as olygarchias dos seus nobres, serviu a tão diversos e potentados senhores, sem que conseguisse redimir-se da servidão e da exploração.

Ainda ahi subsistiam, quando em 1264 se instituiu o primeiro parlamento, a que illustres escriptores denominam *primeiro parlamento verdadeiramente completo*, pois que mais do que dos pares e dos nobres se compunha essa assemblea dos deputados dos condados e dos burgos.

E' desta data que se conhece o desdobramento, cada vez mais crescente, de aspirações liberaes, embora ainda hoje restringidas pela aristocracia ingleza, que de todo não abandonou os preceitos da soberania territorial e o cultivo da nobreza senhoreal.

Não caberia nas columnas, em que enumeramos e analysamos as fórmulas de governo, a trasladação das luctas, das derrotas e das victorias do espirito democratico, a bater-se incansadamente contra a enorme somma de direitos e privilegios, mantidos pelos descendentes dos *barões* e seus continuadores.

Monarchas que se succederam, evoluções que se realisaram, revoluções que estrondaram,

luctas com os parlamentos, submissão da vontade real aos representantes parlamentares, dissoluções dessa corporação, pena capital sob que rolaram cabeças reais, instituição da forma republicana e sua derrota; reconstituição do poder monarchico, abraçando e dominando seculos e gerações, não poderiam, de certo, enquadrar-se no estreito e limitado espaço de artigos, cujo fim será opposição a essas formas governamentais, contrarias e inimigas das verdadeiras e dignas aspirações dos povos modernos, conquistando momento a momento as liberdades individuais e collectivas, e o principio soberanamente igualitario.

Os materiaes da sciencia economica

(Continuado do n.º 5)

O homem tem deante de si, estado objectivo, materiaes e forças. Tornar-se-hão utilidades para elle, si souber appropriar-as ás suas necessidades.

Esta appropriação pode fazer-se pelo

- 1.º Mudanças do estado da materia, physicas, chemicas, physiologicas, etc.;
- 2.º Mudanças de logar;
- 3.º Mudanças de tempo;
- 4.º Mudanças de possuidores.

Estudemõs desde já como se realisam as primeiras transformações.

Encontraram-se nos calcarios da Beauce sillex lascados e tallados. Havia, pois, na época terciaria um ente que queria arranjar instrumentos. Delle fizeram o homem ferziario: O Sr. de Mortillet deu-lhe seu verdadeiro caracter, o de precursor do homem.

Tanto quanto podemos percorrer retrospectivamente a historia da humanidade, encontramos no homem e no animal que d'elle mais se aproxima, e ty preoccupação: fazer utensilios. Definiu-se o homem: um animal que tem utensilios. A definição é evidentemente incompleta, não é, porém, inexacta.

Esta esforço do homem tem caracter tão predominante que, para determinar as diversas phases da civilização prehistorica, as designamos pela qualidade de seus instrumentos: idade da pedra, idade do bronze, idade do ferro.

Haja vista para o fleguino: seus utensilios são tão primitivos, que a mulher é obrigada a mergulhar no mar para apanhar mariscos, enquanto o homem descansa. Tem elle os seus cães que o ajudam a caçar a lontra. A sua alimentação é tão alatoria, que muitas vezes fica reduzido a devorar as mulheres.

Tres factos caracterizam este periodo:

- Insufficiencia dos instrumentos;
 - A mulher utilizada como instrumento pelo homem;
 - Falta ou defeito de previdencia.
- Insufficiencia dos instrumentos: por conseguinte quanto mais aperfeçoado o instrumento mais elevado será o grau da civilização.
- Falta ou defeito de previdencia: o homem graças á imperfeição dos seus instrumentos, é obrigado a fazer tantos esforços para obter sua alimentação indispensavel, que não lhe sobra tempo para aperfeçoar seus instrumentos, nem poupar certa quantidade de alimentação que lhe permittisse viver sem a constante preoccupação da fome.

O unico instrumento aperfeçoado que possui é o cão. Domesticou-o, fal-o trabalhar para elle, fal-o apanhar lontras.

O outro instrumento é a mulher. Veremos o mesmo factõ reproduzir-se nas diversas phases das civilizações.

O homem tem aversão pelo esforço. O mais forte procura obrigar ao mais fraco a fazer o esforço em seu logar, e conservar para si a satisfação. O primeiro ente que se acha nestas condições é a mulher. A mulher começa sendo á escrava do homem. O grau de civili-

zação é em razão inversa da subjeição da mulher.

Do mesmo sentimento provem a escravidão. O vencedor arrogou-se o direito de satisfazer a sua necessidade, impoz ao vencido o dever de fazer o esforço. O escravo é considerado como um instrumento mais commodo, mais productivo que outro qualquer. Quasi todos os povos, partindo desta idea, procuram não trabalhar por si mesmos, mas despojar os outros, em seguida obter escravos que trabalhassem para elles.

O escravo é um instrumento vivo.

Na primeira phase da civilização, o homem é pescador e caçador. Seus instrumentos são a flecha e o machado.

Na segunda phase da civilização, vemos o homem pastor. Pode domar ou pelo menos grupar animais em torno d'elle; são instrumentos que lhe fornecem leite, carne e lã.

A phase superior é a phase agricola. O homem toma a terra como instrumento de trabalho. Pela observação, chegou a verificar que enterrando-se sementes em certa época terã colleitas em outra época marcada. E' previdente. Guarda parte da colheita para sementar. Sabe esperar.

Vem, afinal, a phase industrial da humanidade; utiliza então todas as forças que a sciencia lhe faz descobrir, e cuja existencia e natureza ignorava. Durante seculos serviu-se do vento, da agua, como força motriz; um dia serviu-se do vapor, da electricidade, armazenã o calor do sol. Mas é sempre nova phase do mesmo phenomeno: o esforço constante feito pelo homem para reunir á sua força a força do instrumento.

Nos mesmo povo podem coexistir estas diversas phases; e as, porém, serão designadas pela phase característica.

Mas, quando reconhecer-se ha que um povo é superior a outro sob a relação economica? Quando, tendo instrumentos mais aperfeçoados, puder mais facilmente appropriar os agentes naturaes ás suas necessidades.

Como nas civilizações mais primitivas, ha pescadores em França, na Inglaterra; mas, tem barcos e redes; tem instrumentos desconhecidos aos naturaes da Terra de Fogo; e seguindo o movimento geral da produção, começam a substituir a vela e o remo pelo vapor; e este que hoje recolhe as redes.

A caça acha-se reduzida na produção a um simples accessorio, cuja importancia está destinada á diminuir cada vez mais; nos paizes muito povoados e agricolas, cria-se caça, como aves domesticas.

Certamente ainda possuímos rebanhos; mas os patriarchas hebreus ficaram confusos vendo um estabelecimento que pastagens normandas. Calcula com precisão, a produção, a criação, o producto do animal, quer com relação ao trabalho, quer com relação á produção dos lacteinos, ou da carne. Um boi é uma machina que se constroe, que se estabelece, e que deve dar um effeito util, proporcional ao combustivel que se lhe fornece sob forma de alimento. E' um problema mechanico.

Assim tambem, sob o ponto de vista agricola, o instrumento mecanico tenderá cada vez mais á substituir o esforço do homem. A principio elle empregou os animais; actualmente, a esses motores antigos começou a substituir o vapor, amanhã empregará a electricidade. A agricultura ainda é empirica sob muitas relações; porém quanto mais nos adiantamos mais a terra é considerada como um instrumento de trabalho semelhante a todos os instrumentos. Calcula-se quanto se lhe dá, e quanto ella deve produzir.

Estes factos geraes incontestaveis provam que a phase industrial absorve actualmente todas as outras. O que a caracteriza, é a força e a precisão do instrumento.

Resulta destas observações que o homem, na sua lucta contra o natureza, tende a obter:

- 1.º—A appropriação de agentes naturaes destinados a augmentar a satisfação de suas necessidades e a diminuir seus esforços.
- 2.º—A appropriação de agentes naturaes destinados a tornar ulteriormente mais facil a satisfação de suas necessidades,

Os economistas tem-se empenhado em longas discussões para saber qual o nome a dar a esses agentes naturaes assim appropriados.

Vou expol-os rapidamente; porquanto, apontar os erros de uma sciencia, é patentear melhor suas verdades.

Os physiocratas faziam provir toda a riqueza do solo. Era um erro, perdoavel, entretanto, na sua época. Não tinham visto a riqueza que podia fornecer a transformação do calor do carvão de pedra em vapor. Em razão deste erro, economistas contemporaneos attribuem ainda ao solo um caracter economico especial.

Diz o Sr. Coquelin:

« Salvos alguns escriptores, que não constituem autoridade na sciencia, todos os economistas concordam em não comprehender, sob a denominação de capital, a terra, e os instrumentos fornecidos pela natureza, porém unicamente os valores creados pela mão do homem e anteriormente accumulado (1).»

Rossi e Joseph Garnier admittiram esta restrição.

« O trabalho e a terra são forças primitivas, o capital nunca é sinão um resultado da industria do homem (2).»

O Sr. Joseph Garnier dá um quadro dos fundos productivos da sociedade; divide-os em tres categorias que designa do seguinte modo:

« 1.º Instrumentos naturaes ou não appropriados, comprehendendo o mar, os rios publicos, a athmosfera, o calor do sol, as outras forças da natureza; physicas, chemicas, mechanicas, que se acham á disposição de todo o mundo.

« 2.º Os instrumentos naturaes appropriados, comprehendendo: a terra, o trabalho.

« 3.º Os instrumentos artificiaes ou adquiridos e appropriados, isto é:

« O CAPITAL: o capital material, comprehendendo todos os productos:

« Provisões, sementes, materiaes primas, productos fabricados, utensilios, machinas, estabelecimentos, gado, moela, etc. . . . resultado de uma industria anterior;

« Comprehendendo tambem o capital empregado em melhorar o solo e fazendo corpo com elle, o que dá á terra o duplo caracter de instrumento natural e de instrumento adquirido.

« O capital immaterial, comprehendendo as clientelas, os processos, os conhecimentos, scientificos, litterarios, artisticos, etc; estes ultimos constituem o capital intellectual.»

Segundo este quadro, a terra, comprehendendo-se sob esta denominação, os rios, as minas, representaria instrumentos naturaes appropriados. Porém, o carvão de pedra, materia prima, mas o minereo de ferro, materia prima, representariam instrumentos artificiaes appropriados! Ainda mais; a melhoria do solo, fazendo corpo com elle, seria um capital, e a terra não o seria. O tubo de drenagem seria um capital, porém a arvore plantada seria um instrumento natural ou um artificial? O proprio J. B. Say confessa que a distincção não é facil.

Toda a appropriação não é o resultado da industria do homem? Por conseguinte, segundo a definição do Sr. Garnier, a terra apropriada é um capital, como qualquer outro agente natural.

Deve-se a James Mill a mais erronea das definições do capital, e a que teve maior voga:

« O capital é o trabalho accumulado. » Si assim é, gyrae no vacto e obtreis um capital. O esquilho, em sua gaiola, faz capitães. Que é um trabalho que se accumula?

Melhor comprehendendo a distincção estabelecida por outros economistas inglezes:

Malthus definiu o capital: « Uma porção de bem consagrada á produção e á distribuição das riquezas. » Stuart Mill disse: « O capital é a riqueza applicada a um emprego reproductivo. » O Sr. Banfield tambem diz: « O capital é a porção dos bens que nos são dados pela na-

(1) « Dictionnaire d'économie politique », t. 1, pag. 273.

(2) « Traité d'économie politique », pag. 40.

tureza ou que accumulamos pela abstinência.» (3)

O Sr. Rossi, adoptando estas idéas, queria que o capital fosse «não somente o producto poupado», porém ainda «o producto destinado a reprodução.»

Sob o ponto de vista da sciencia economica, estas distincções servem somente para emmanranharas questões. E' difficil distinguir entre as cousas apropriadas que são consagradas a um emprego reproductivo e as que não o são. Exemplo: a alimentação. Seguramente é muitas vezes um capital empregado para um trabalho reproductivo.

J. B. Say, muito atrapalhado, apresenta outra distincção.:

« Quando um proprietario edifica uma casa de moradia não sahirá dessa casa nenhum producto que possa ser levado ao mercado; mas sahirá constantemente um producto muito apreciavel, porquanto o proprietario pôde vender sua utilidade de todos os momentos (o que faz quando aluga a casa); ou então pôde elle mesmo consumi-la (o que acontece quando, em vez de alugal-a, va morar nella). Esta porção do seu capital não é pois improductiva, comquanto não concorra para a formação de nenhum producto material. »

Dahi concluire que havia capitães productivos de utilidade e outros de convenção; mas em linguagem economica, onde termina um e onde principia o outro.

Bastiat disse simplesmente:

« O capital de uma nação, é a riqueza de seus materiais, provisões e instrumentos. »

« O capital, diz o Sr. Courcelle Seneuil, não é sinão a somma das riquezas existentes, em um momento dado, no espaço que se designa ou na posse da pessoa de quem se falla. *Capital* é, pois, a certos respeito, synonymo de riqueza, porque ambas as applicações se applicam aos mesmos objectos considerados em geral e sem distincção. (4) »

Em resumo:

Tudo o agente natural apropriado pelo homem é utilidade.

To la a utilidade é um capital.

O capital de um individuo é o conjuncto das utilidades possuidas por elle.

Si me perguntarem:— Mas a saúde que qualificastes como utilidade, será um capital? Responderei:— Por acaso um homem enfermo tem o mesmo valor que um homem são?

Mas, uma operação cirurgica, será um capital? E' a permuta de capitães: a sciencia incorporada no cirurgião e a necessidade que tenho de saúde.

YVES GUYOT

(Continua)

A civilisação antiga

(LUIZ MENARD)

(Continuado da p. 5)

VARIÉDADE DAS FORMAS PRIMITIVAS DA ARTE
—O estudos continuados com tanta actividade ha alguns annos sobre os monumentos da idade de pedra nada tiram á exatidão das idéas expostas por Vitruvio no começo do seu tratado de architectura e até mesmo permitem completal-os. Depois de ter ligado a origem da civilisação á descoberta do fogo, segundo a tradição grega de Phomethen, Vitruvio deriva a architectura das variedades do tugurio e da cabana, levando em conta differenças que existem entre os tugurios de madeira nos paizes de florestas e os tugurios de terra nos paizes onde não existem arvores. Pode-se acceccentar que antes de construírem abrigos, os primeiros homens devem ter-se aproveitado daquelles que a natureza lhes apresentava, abrigando-se nas cavernas dos rochedos. E', com effeito, nas excavações naturaes que tem sido encontrados os mais antigos destroços da industria humana, as lascas de sílex que serviam de armas a uma população de troglodytas. Os pastores nomades

como os mongolios, abrigam-se sob tendas formadas por pelles sustentadas por esteios fincados na terra. Os naerantes do valle do Nilo fazem com limo e palha pequenos nichos sobre os quaes estendem canoas para formar o tecto; isso basta em um paiz como o Egypto, onde nunca chove. Nos paizes chuvosos, como a Europa, o tugurio é formado por troncos inclinados em cone reunidos por uma grade de ramos entrelaçados e cobertos de colmo, musgo ou folhas. A cabana, construção meados imperfeita, na qual entram arvores cortadas ou serradas, não podia existir sinão na idade do bronze, porque só se pôde trabalhar a madeira depois de saber-se fabricar instrumentos de metal.

Em cada paiz, o homem tirou partido dos materiaes que o sólo lhe fornecia, apropriando-os ás necessidades do clima. Essas primeiras tentativas, que se encontram nos campos, serviram de modelos aos aperfeiçoamentos ultteriores.

Os edificios da China conservam o caracter de tendas, ás tavernas dos troglodytas podem se relacionar os templos subterrancos da India e da Nubia. Nos trigurios de terra dos fellahs podem-se ver os modelos dos monumentos do alto Egypto: nas cabanas dos montanhezes lykianos acha-se ainda hoje o prototypo dos templos da Grecia e da Asia Menor. A nossa architectura ogival tem origens do mesmo modo humildes: procede das modestas cabanas de ramos inclinados e reunidos no cimo, em que se abrigaram os primeiros habitantes da Galja e que os carvoeiros ainda constrõem nas nossas florestas. O caracter multiplo e espontaneo da architectura é demonstrado por essas formas indigenas ainda vivas nos paizes onde nasceram. Por toda parte os camponizes as conservam, porque não tem outros guias sinão as suas necessidades e recursos. Essas formas primitivas, ao mesmo tempo simples e racionais, são o producto espontaneo do trabalho humano e como que a etymologia da arte.

PLURALIDADE DAS RELIGIÕES NATURAES— A religião é o laço geral dos homens reunidos em sociedade, a expressão poetica e plastica do ideal dos povos.

Traduz-lhes os primeiros pensamentos, desenvolve-se, transforma-se e altera-se com elles. Uma theoria em voga no seculo passado ligava todas as religião a uma fonte unica, o deísmo, que se chamava por excellencia a religião natural e de que eram as outras, ao que parece, alterações. A esta hypothese, hoje abandonada, succedeu a de um fetichismo original que parte tambem de um ponto de vista theorico e não se baseia de mais na historia. O fetichismo não corresponde a nenhum ponto de vista de conjuncto: é menos uma religião do que a forma embryonaria do sentimento religioso nas raças inferiores. E' encontrado em todas as épocas entre os individuos que confinam nos limbos da intelligencia, não só entre os rusticos, como em todas as classes da sociedade.

Os terrores vagos que se pensa conjurar com praticas arbitrarías, a tendencia para attribuir a certos objectos, a certas palavras, a certos homens um poder mysterioso, tudo que constitue o fetichismo das tribus selvagens, existia tambem entre os povos mais civilizados sob o nome de superstição.

Não é impossivel que nas épocas pr-historicas tal tenha sido o ponto de partida da religião entre as raças melhor dotadas, mas, como nenhuma prova ha, não é científico affirmal-o.

As formas da religião variam segundo os logares e os tempos. Ha diversas religião naturaes, como ha diversas raças e diversas linguas. A revelação primitiva, isto é, a primeira impressão da natureza sobre o pensamento humano reveste-se de caracteres differentes, conforme o temperamento dos povos. Cada raça manifesta o seu genio particular pela sua religião e pelo seu idioma. Agruparam-se as linguas em familia, pôde-se do mesmo modo estabelecer familias de religião correspondendo ás familias dos povos. O mundo pôde ser concebido como uma machina, como um animal ou como um con-

certo. A essas tres concepções correspondem as tres grandes formas da religião na antiguidade: o monotheismo considera a natureza como materia inerte movida por uma vontade exterior; o pantheismo representa-a como unidade viva, tendo em si mesmo o seu principio de acção; o polytheismo vê nella um conjuncto de energias independentes, cujo concurso produz a harmonia universal.

O pensamento dos povos primitivos é uma cera plastica em que a natureza deixa profunda impressão. Dez artistas de talento, deante do mesmo modelo, farão dez retratos differentes e contudo admiraveis; que seria si o proprio modelo fosse multiplo, como a natureza, que tão pouco se assemelha de um paiz para outro? Esta variedade de aspectos contribue tanto quanto os caracteres distinctivos das raças para explicar a differença original das religião.

O pantheismo devia ser a religião natural dos habitantes do Egypto, onde a vida universal se revela na sua unidade pela acção fluctuante do sol, na sua diversidade pelas especies animaes; as inundações periódicas do Nilo despertam a idéa de uma ordem immutavel, com períodos alternados de morte e renascimento que para o homem como para os outros seres parecem uma promessa de resurreição.

O monotheismo devia surgir espontaneamente nos desertos de aréa onde só uma força viva, o *simun*, cujo sopra é um fogo devorador, enche com a sua immensidade as mudas solidões; e comprehendendo-se o terror humilhado do homem sob o grande céu da Arabia, profundo, sem nuvens, sempre o mesmo, quando compara a sua infinita pequenez a essa infinita grandeza. Não foi, porém, o temor que revelou aos Aryas, nos seus remotos antepassados, a sua religião natural, o polytheismo. Banhados por um vapor de ouro sobre os cimos luminosos, sentiam-se perto do céu e viviam com os deuses. O Rig Veda nos conservou um éco das suas alegres admiraciones ante o maravilhoso espectáculo das primeiras auroras. Esse livro veneravel, escripto no mais antigo dos dialectos indo-europeus, nos faz assistir ao despontar do sentimento religioso nas raças superiores e ao da lingua religiosa, que é a mythologia.

O Veda ficou sendo o livro sagrado dos Aryas da India, posto que a sua religião haja passado do polytheismo ao pantheismo, ao mesmo tempo que os estabelecia o regimen das curtas hereditarias.

Na poesia grega, o polytheismo é apresentado sob uma forma mesmo primitiva do que no Veda, mas muito mais perfeito. Acima das forças cosmicas, a Grecia concebe leis vivas que se encadeiam em uma ordem eterna. Procura o divino na humanidade e pelo culto dos heróes prepara a apothese das virtudes humanas que se devia resumir no dogma christão do Homem-Deus. A religião dos romanos e a dos gregos são tão approximadas como os idiomas dos dois povos; mas na Grecia as crenças populares eram moveis e variaveis de um canto para outro, não havia corpo sacerdotal para as fixar; os verdadeiros theologos do hellenismo eram os poetas e os esculptores. Este inicio poetico e plastico faltou aos romanos; a sua mythologia era bastante pobre, o culto tinha entre elles mais importancia do que o dogma. Sendo o sacerdocio reservado aos chefes de familia, a religião foi sempre para a aristocracia romana, um meio de governo.

Como um compromisso entre a unidade e a pluralidade das causas, entre as religião unitarias e o polytheismo, colloca-se o dualismo iranio ou mazdeismo, a unica religião que feriu francamente o problema do mal, pedra de escandalo dos espiritos religiosos. O dualismo encara o mundo como um campo de batalha para dois principios contrarios, a luz e as trevas, o bem e o mal, um Deus e um diabo. Esta crença, ligada ao nome de um revelador mythico, Zoroastro, serve de passagem entre as religião antigas e as religião modernas. Consideram-na como uma reforma ou uma heresia das religião da India; contém talvez um elemento tomado ás

(3) *Organisation de l'industrie.*

(4) *Traité d'économie politique*, t. I, pag. 47.

tradições de outra raça. A doutrina mazdeana do diabo, estranha à Biblia, introduziu-se tardiamente entre os judeus e passou, por intermedio delles, para a religião dos christãos e para a dos musulmanos.

(Continu.)

As polvoras sem fumaça

CONFERENCIA FEITA PELO NOTAVEL PHYSICO F. ABEL NA ROYAL INSTITUION DA GRAN-BRE-TANIA

I

A produção da fumaça que acompanha a explosão da polvora ordinaria é frequentemente prejudicial em suas applicações militares ou navaes, em seu emprego nas minas ou mesmo no uso que della fazem os caçadores. Ha, todavia, circunstancias em que, durante um combate, a nuvem produzida pela mosquetaria ou pela artilharia não é sem vantagens para um dos belligerantes ou para ambos nos diferentes periodos da lucta. Até estes ultimos annos, quasi que nenhum esforço se fez para impedir ou diminuir esta produção de fumaça, excepto no que respeita ás armas de caça. Os inconvenientes do véo de fumaça produzido por uma descarga proxima ou pelo primeiro tiro de uma espingarda de dous canões fizeram procurar, no algodão polvora, depois de sua descoberta em 1846, um recurso que tornasse mais facil e mais agradável a caça com armas de fogo.

A comparação das reacções chemicas que se passam na combustão ou na explosão do algodão polvora e na da polvora ordinaria permitta comprehender porque a fumaça só produz-se neste ultimo caso. Os productos da explosão do primeiro são todos gazosos e a agua formada está no estado de vapor invisivel. As substancias classificadas sob o titulo de polvora para canhão são misturas de salitre ou de outros nitratos metallicos com carvão de madeira ou substancias vegetaes diversas carbonizadas e com enxofre em proporções variaveis. Uma grande parte dos productos que se originam não são gazosos, mesmo em alta temperatura. No momento da combustão de uma dessas misturãs, esses corpos depositam-se em parte sob a fórma de um residuo fundido que constituem os detrictos das armas de fogo; o resto derrama-se, em um estado de divisão extrema no meio dos gazes e dos vapores desenvolvidos pela explosão, e produz a fumaça.

No caso de uma polvora de composição ordinaria, os productos solidos attingem mais de 50 por 100 do peso total dos productos da explosão. A fumaça branca e densa que então fórma é composta em parte de carbonato de potássio muito dividido e de sulfato de potássio proveniente da combustão de um dos productos solidos da explosão, o sulfureto de potássio, no momento em que o impulso dos gazes o projecta no meio do ar.

Com outros explosivos, a formação da fumaça é devida a que um dos productos, si bem que no estado de vapor no momento de seu desenvolvimento, condensa-se immediatamente e fórma uma nuvem composta de particulas ou de vesiculas liquidas. E' assim que a explosão do fulminato de mercurio dá origem ao vapor desta metal; a de uma mistura de carvão ou de acido picrico com o azotato de ammoniaco, ao vapor da agua.

Até ao periodo actual, as variedades de polvora de guerra empregadas nos diversos paizes tinham composições chemicas muito pouco diferentes. As proporções de carvão, de salitre, de enxofre empregadas eram quasi identicas. Esta composição do mesmo modo que a qualidade do carvão e o modo de preparal-o, não soffreram durante muito tempo importantes modificações. A mesma observação se applica ás multipas operações por que se fazia passar a polvora destinada à artilharia.

A substituição dos canhões de alma lisa pela artilharia raiada, que seguiu a guerra da Crimea, o acrescimo das dimensões e do alcance das armas, que acompanhou o coraçamento dos navios e dos fortes, tiveram por consequencia tentativas feitas em vista de

modificar as qualidades da polvora, de tornal-a applicavel a todos os calibres; porque a artilharia nova não podia dar todos os seus effectos si se continuasse a empregar o mesmo explosivo indifferente para as peças de qualquer calibre.

Procurou-se regular a potencia da explosão modificando a rapidz de transmissão da particula a particula ou através da massa de cada particula de que se compõe a carga. A principio procurou-se alcançar esse resultado nas modificações de grandeza e de fórma dos grãos da polvora, de sua densidade e de sua dureza, pois pensava-se que as preparações de salitre, de carvão e de enxofre geralmente empregadas correspondendo proxivamente à composição theorica necessaria para attingir o maximo do effecto util, indicavam que as alterações a fazer mais deveriam consistir nas propriedades physicas e mecanicas da polvora do que na sua composição ou nos seus caracteres chemicos.

As variedades de polvora que esses estudos, a um tempo praticos e scientificos, introduziram no serviço da artilharia, e das quaes algumas mostraram-se excellentes, ligam-se a dous typos distinctos. O primeiro methodo consiste em dividir bolos mais ou menos comprimidos de polvora negra e a fazer delles grãos de dimensão e de fórma quasi semelhantes, dos quaes se faz desaparecer depois os angulos e as saliencias rugosas. Isto não é mais que o aperfeçoamento da polvora granulosa ou em grãos ordinarios destinada quer aos fuzis, quer aos canhões. Introduziu-se na artilharia polvora desta qualidade; certas peças empregam ainda hoje polvora em grãos mais grossos.

O outro typo de polvora não tem equivalente nas variedades antigas. Tem sua origem na idea theorica que a uniformidade dos resultados fornecidos por uma polvora empregada em condições semelhantes não depende somente de sua composição, porém da identidade de dimensões, de densidade, de fórma, de estrutura de cada um dos grãos formando uma carga. Para attingir esse resultado, ou pelo menos d'elle aproximar-se, seria preciso crear amostras de polvora, tendo o mesmo grão de finura e de secura, submeter quantidades iguaes dessa mistura a uma pressão uniforme durante um tempo dado em milles de dimensões identicas, as outras condições, sendo tão semelhantes tanto quanto possível de uma e outra parte. A mesma identidade deveria ser observada nas outras operações de seccar e lustrar das duas amostras.

O unico genero de polvora introduzida na nossa artilharia, na produção da qual essas condições foram preenchidas, é uma polvora em ballas (*pelle powder*). Compõe-se de pequenos cylindros meio perfurados afim de augmentar a superficie da inflammação da massa.

Experiencias tem sido realizadas com esta polvora e com outras preparadas, segundo o mesmo principio, porém em condições menos perfectas de uniformidade no estado de divisão e secura da polvora antes de sua compressão, nas formas cylindricas ou outras. Ellas mostraram que a uniformidade das propriedades ballisticas pide também, e mais rapidamente, ser alcançada pela mistura intima de amostras apresentando algumas diferenças de densidades, de dureza ou de outras propriedades de que procurando semelhante absoluta dos caracteres de cada massa componente de uma carga.

Na época em que esta questão de modificação das propriedades ballisticas das polvoras começava a reclamar nossa attenção, ella já havia sido estudada nos Estados Unidos por Rodman e Doremus. Este propoz, o primeiro o emprego das massas prismaticas obtidas pela compressão de polvoras de grossos grãos.

Na Rússia procurou-se utilizar esses resultados, e adoptou-se uma polvora prismatica para os canhões de grosso calibre.

Emquanto a fabricação da polvora prismatica desenvolvia-se e aperfeçoava-se na Rússia, na Alemanha e na Inglaterra, a Italia e a nossa commissão dos explosivos procediam a novas experiencias e procuravam produzir uma polvora cuja acção lenta e gradual con-

viesses ás cargas enormes exigidas pela artilharia moderna. Experimentou-se a compressão de misturas de uma finura mais ou menos perfeita e o emprego de massas maiores que a polvora em ballas ou prismas.

O resultado destas investigações traduziu-se pela descoberta da polvora Fosano ou polvora progressiva dos italianos, e a criação das polvoras em grandes cylindros preparados em Waltham Abbey, que attingem apenas, e preciso dizel-o, a uniformidade das propriedades ballisticas da polvora italiana.

Investigações effectuadas ha alguns annos, pelo commandante Noble e por nós mesmo, sobre uma serie de polvoras de composições diversas, mostraram as vantagens que se podia retirar de uma modificação das proporções dos corpos constituindo a polvora. Bastava augmentar consideravelmente a quantidade de carvão e diminuir a de enxofre para produzir um volume de gaz muito maior e ao mesmo tempo diminuir o calor desenvolvido pela explosão.

Estas investigações permittiram também comprehender-se a causa da acção corrosiva das descargas sobre a superficie interna das peças. Esta deterioração da arma pode, com o tempo, diminuir a velocidade do projectil e por consequente a precisão do tiro; ella é mais consideravel com as peças de grosso calibre, por causa da grandeza das cargas empregadas.

Differentes causas concorrem para produzir essa usura, que é sobretudo consideravel, quando os productos da explosão, submettidos a uma pressão muito forte, podem escapar-se entre o projectil e a alma do canhão. A grande rapidez com a qual os gazes e os liquidos (particulas solidas fundidas) se precipitam sobre a superficie aquecida do metal dá lugar a um deslocamento de suas moléculas, que é tanto mais consideravel, porquanto uma primeira explosão já a tornara rugosa, e que assim oppõe mais resistencia. Ao mesmo tempo a alta temperatura a qual é elevada essa superficie diminui-lhe a rigidez e impede-a de resistir à torrente gazosa. Emfim é preciso admitir que alguns dos productos não gazosos da explosão exercem sobre o metal uma acção chimica que augmenta ainda o poder corrosivo da explosão.

Uma serie de experiencias feitas com o maior cuidado pelo commandante Noble com polvoras de diferentes composições, e com outros explosivos, mostraram-lhe que as substancias que produzem a maior somma de gazes, e cuja explosão desenvolve o menor calor, são aquellas cuja acção corrosiva é a mais fraca.

E' provavel que essas investigações provocassem modificações importantes na composição das polvoras fabricadas por nós para os grossos calibres. Porém, mesmo ent' dous eminentes fabricantes allemães occuparam-se simultanea e independentemente da produção de uma polvora destinada aos grossos canhões, e convindo-lhes mais que as misturas ordinarias; realmente, só se havia muito pouco diminuido o calor de combustão destas polvoras, augmentando o volume dos grãos e sua densidade tanto quanto era possível fazer.

Os experimentadores allemães não se occuparam somente das proporções da mistura constituindo a polvora, porém da qualidade do carvão empregado. O resultado destas investigações foi a produção simultanea por Heidmann na fabrica de polvora de Westphalia e por Duthenhofer em Rottwell, perto de Hamburgo, de uma polvora prismatica de cor de chocolate. Ella continha salitre em proporção um pouco mais elevada, enxofre em muito menor quantidade que na polvora commun e carvão muito ligeiramente queimado, semelhante ao carvão ruivo que o chimico francez Violette produziu em 1847 pela acção do vapor sobre a madeira ou outras materias vegetaes, e que elle propoz para o fabrico da polvora de caça. Essas polvoras prismaticas pardas (ou polvora chocolate, segundo sua cor) se distinguem da polvora negra não somente pela apparencia, como pela lentidão de sua combustão ao ar livre, por sua acção lentamente progressiva e sustentada quando ellas fazem explosão em um ca-

nhão, e pelos caracteres dos productos de sua combustão. O corpo oxydante, o salitre, nelle existe em maior proporção; também os corpos oxidáveis, o enxofre e o carvão, são completamente queimados; os productos da explosão da pólvora negra encerram ao contrario uma notavel proporção de substancias não oxydadas ou incompletamente oxydadas. Além disso, a pólvora chocolate produz uma grande quantidade de vapor d'agua, não que ella contenha mais agua que a pólvora negra, mas sim porque a madeira ou a palha ligeiramente queimadas que entram em sua composição são mais ricas em hydrogeno que o carvão, e fornecem por oxydção uma maior quantidade de agua. O volume total de gaz fornecido pela pólvora chocolate, medido a 0° C. e a 760 mm. de pressão, é de 200 volumes por kg. de pólvora, contra 278 volumes produzidos por uma amostra ordinaria de pólvora negra. Porém a quantidade de vapor de agua desenvolvida pela explosão é proximoamente tres vezes superior á da pólvora negra. O volume total dos gazes e do vapor produzido pelas duas pólvoras seria quasi egual si o calor da explosão fosse o mesmo nos dois casos; porém a temperatura produzida pela explosão da pólvora chocolate é um pouco mais elevada.

A fumaça desenvolvida pela descarga da pólvora para parece a principio ter a mesma densidade que a da pólvora negra, mas ella se dissipa muito mais rapidamente, isto provavelmente se dá pela absorpção dos saes de potassium muito divididos os quaes se dissolvem na grande quantidade de vapor de agua que os cerca.

Esta especie de pólvora foi applicada com grande successo aos canhões de calibre assis consideravel; contudo era desajavel alcançar uma acção ainda mais lenta e mais progressiva para as peças as mais grossas que atiram projectis de cerca de 900 kilogrammas. Foi preciso modificar as proporções da mistura na pólvora para, para amoldar-se a estas condições, e, para os calibres menores, achou-se mais vantajoso empregar uma pólvora cuja rapidez de acção é intermediaria entre a da pólvora negra de grandes grãos e da pólvora para.

A recente applicação das metralhadoras e canhões de tiro rapido ao serviço naval, principalmente para a defesa dos navios contra os ataques de torpedeiros, deu uma nova importância á descoberta de uma pólvora produzindo pouco ou nenhuma fumaça. Realmente, a efflúcia desta defesa é quasi illusoria desde que se empregue a pólvora negra, porque os objectos contra os quaes se opera ficam logo occultos por um espesso véo de fumaça. Ainda nestes ultimos annos, se tem feito as mais varias tentativas para produzir um explosivo sem fumaça, destinado á artilharia naval. Ao mesmo tempo, muitas autoridades militares, conhecendo quanto é preciso contar com a fumaça nos combates em terra, reclamaram a produção de uma pólvora sem fumaça que conviesse á artilharia de campanha e ás armas de pequeno calibre; e varias circumstancias vieram mostrar a urgencia deste pedido.

As propriedades do azotato de ammonio, cuja decomposição pelo calor não produz sinão gaz e vapor d'agua, tornaram-se um motivo de accurado estudo para aquelles que se applicaram á busca de uma pólvora sem fumaça. Mas sua deliquescencia foi o principal obstaculo ao seu emprego em um novo explosivo.

Um sabio allemão, F. Gaus, julgou ter encontrado uma mistura de carvão, salitre e azotato de ammonio que não partilhava as propriedades hygroscopicas especies ás outras misturas de azotato de ammonio. Elle suppunha que no momento da explosão deste preparado, o potassium do salitre formasse uma combinação volatil com o azoto e o hydrogeno, uma *unión de potassium*; também, conquanto contendo parte de metade de seu peso de sal potassico, esta pólvora, dizia elle, só dava productos volateis. As concepções do Sr. Gaus a respeito das transformações de seu explosivo não se confirmaram, e a pólvora, tendo sido composta segundo suas theorias,

sucedeu que não era nem sem fumaça, nem desprovida de deliquescencia. Contudo, o Sr. H. Idemann pôde, modificando o methodo de Gaus e valendo-se de sua experiencia especial, produzir uma pólvora de nitrato de ammonia que possui notaveis propriedades balísticas, a qual dá relativamente pouca fumaça, dissipando-se muito rapidamente, e cujas propriedades hygroscopicas são seguras em muito menores que as de todas as outras preparações de nitrato de ammonia.

Esta pólvora desenvolve muito mais gaz e vapor d'agua do que a pólvora negra ou para, sua acção é mais lenta que a desta ultima; a carga necessaria para produzir effeitos balísticos iguaes é menor; a pressão é baixa na camera de fogo, e mais forte ao longo da alma da peça do que com a pólvora para.

A pólvora de azotato de ammonio contém normalmente mais agua que a pólvora para; elle não tem grande tendencia a absorver o vapor de agua de uma atmosphera no estado de seccura habitual ou mesmo ligeiramente humida. Mas desde que o estado hygrometrico está proximo da saturação, elle absorve a agua com avidéz, e o phenomeno, uma vez começado, continua rapidamente, e a pólvora torna-se logo viscosa. As cargas são collocadas em caixas metallicas hermeticamente fechadas, a pólvora não pôde pois absorver a humidade do ar. Porém observou-se que si as caixas são conservadas por muito tempo nos porões dos navios, onde a viscosidade das caixas torna frequentemente a temperatura muito elevada, o desprendimento da agua de uma parte da carga traz-lhe uma distribuição irregular; por consequente, a acção da pólvora pôde deixar de ser uniforme; pôde desenvolver-se por partes pressões muito elevadas. Todavia pôde-se considerar esta pólvora de azotato de ammonio como o primeiro passo para a produção de uma pólvora de artilharia sem fumaça; porém de modo algum convém aos serviços que della espera a materia de guerra.

A attenção não se fixou seriamente sobre a pólvora sem fumaça sinão depois que se conheceu, ha quatro annos, os notaveis resultados obtidos na França com uma pólvora desta especie destinada ao fuzil Lebel. Em seguida vieram outras informações descrevendo as surprehendentes velocidades attingidas com pequenas cargas desta pólvora ou algumas de suas modificações. Do mesmo modo como para a munição, da qual exaltava-se quasi ao mesmo tempo os effeitos destruidores, o sagrado da composição desta pólvora era tão bem guardado pelas autoridades francezas, que os mais habilitados na materia não podiam fazer sinão conjecturas. Sabe-se presentemente que mais de um explosivo sem fumaça succedeu á pólvora original, cuja perfeição parecia então incontestavel, e que a substancia actualmente empregada nos fuzis Lebel assemelha-se muito a certas preparações privilegiadas na Inglaterra, e que ainda não estão sinão no periodo experimental em outros paizes.

(Continua)

O gado vaccum

SUA HISTORIA NATURAL, CRIAÇÃO E TRATO

Si o fim principal de todas as empresas agricomicas aspira a um ganho duradouro, a criação do gado vaccum deve ser considerada o mais importante apio da agricultura, o augmento e melhoramento do gado fertilizando do novo os campos cultivados, produzindo maior quantidade de mantimentos, e tornando uteis pela cultura de forragem os vastos terrenos que não admittem o arado. Estes ultimos terrenos se encontram abundantemente no Brazil, e é um sagrado dever de seus fazendeiros do gado, de se desembracarem dos costumes envelhecidos e inveterados, afim de tirarem o maior proveito possível d'essas terras por meio de uma criação racional dos animaes domesticos. Por esse meio se espalhará uma actividade bemfazeja sobre as campinas desertas; a agricultura achará o seu

apio na criação do gado e onde até agora só reinavam penuria e privações surgirão riquezas abrindo ao estado novas fontes de rendimento.

O gado vaccum, segundo a sua constituição, pertence á ordem dos animaes ruminantes, com unhas bisulcas, e talvez terá sido um dos primeiros, sinão o primeiro animal que o homem felizmente conseguiu domesticar e sujeitar á sua vontade. Ora isto primeiramente acontecera, não se acha nos livros da historia; porém, desde os antiqussimos tempos, o gado vaccum no Ganges e Nilo, e na povoadissima China, achou e soube conservar até hoje o maior aprego, não sendo de igual e tão multiplicada utilidade qualquer outro dos nossos animaes domesticos. Penetrados desta idea, vamos por ora fazer algumas ligeiras observações sobre a organização do gado vaccum, notando algumas das melhores raças, para mais tarde tratar a fundo a construcção dos seus orgãos, e dar aos nossos leitores uma pintura exacte de tudo quanto se refere ao tratamento deste animal.

Como o nosso artigo sobre as mais conhecidas e mais uteis raças será acompanhado de estampas, não trataremos por ora da sua *forma exterior*, occupando-nos logo com os orgãos de alimentação e digestão, a que pertence em primeiro logar a *formação dos dentes*. Nesse respeito o gado vaccum, assim como os outros animaes ruminantes em geral, offerecem a notavel particularidade, de não terem nenhuns dentes incisórios na queixada superior, e pelo contrario 8 na inferior, aos quaes se associam em tudo 24 dentes queixados. Durante a crecencia dos animaes os dentes se trocam, e sobre esta mudança é que se baseam os signaes para conhecer a idade do animal. Uma vitella recém-nascida já apparece geralmente munida de alguns dentes incisórios e queixaes, aos quaes já no primeiro mez seguem os outros dentes incisórios, enquanto que os queixaes que faltam se se mostram pouco a pouco, os trazeiros muitas vezes não antes do quarto anno. Passado o primeiro anno, começa a mudança dos dentes incisórios, de modo que os dentes interiores cahem depois de 12 até 18 mezes, os dois mais proximos, ou dentes interiores do meio, depois de 24 até 30, os dentes exteriores depois de 36 até 42, e os incisórios do canto depois de 48 até 54 mezes, sendo todos suppridos por outros.

Entretanto o gado vaccum, sobretudo quando criado na estrebaria, não muda os dentes com tanta regularidade como os cavallos e ovelhas, de sorte que alguns animaes nascem os dentes de dez em dez mezes, achando-se a dentição já completamente terminada com quatro annos. A outros só sae um dente todos os cinco ou seis mezes, enquanto que a outros nasce em septima e seguidamente tres até quatro dentes, prolongando o periodo de uma mudança de dentes a outra. Apesar de tudo isso pôde-se exactamente conhecer pelos dentes a idade de um bezerro até o quinto anno, sendo os dentes mudados maiores e mais lustrosos, e por isso facilmente a distinguir dos dentes de leite. Os queixaes trazeiros só se mostram mais tarde; sendo em geral sujeitos a uma troca menos regular, do que os incisórios. Os dentes dos animaes velhos se tornam mais compridos, negros e obtusos, até finalmente se soltarem e cahirem. Todos os fazendeiros de gado devem observar attentamente a mudança dos dentes, dos quaes dependem a saúde, força vital e uma idade prolongada, sobretudo dos ruminantes.

Também pelos chifres se pôde de certo modo conhecer a idade do gado vaccum. De pois do nascimento se mostra cada vez uma elevação annular nos chifres sempre crescente pouco a pouco, pela qual se pôde approximadamente determinar a idade de uma vacca. Si o animal não nasceu dentro em um anno, esta circumstancia se faz conhecer por uma maior distancia dos annos entre si, em cujo caso esses maiores intervallos se contam por dois annos. Muitas vaccas mostram claramente os ditos annos, mas outras não; e em geral deve-se julgar mais da constituição dos chifres; os quaes quando o bezerro acaba de crescer, são mais estreitos perto da raiz. Os bois também

mostram pequenos aneis nos chifres perto da cabeça, depois do quarto anno, que, porém se conhecem mais difficilmente. Enquanto a forma e tamanho dos chifres, ha grande diversidade entre o gado vaccum, e excepcionalmente tambem alguns animaes avulsos ou raças inteiras se encontram, que não tem nenhum.

A respeito da organisação e disposição do estomago dos ruminantes, e da digestão particular que disto depende, o exacto conhecimento desses orgãos é da maior importancia, baseando-se sobre elles a mais proficiua alimentação. O estomago se divide em quatro partes, chamadas:

- 1.º A pansa, ou primeiro ventriculo.
- 2.º O barrete, ou segundo ventriculo.
- 3.º O psalterio, ou terceiro ventriculo.
- 4.º A coalheira, ou quarto ventriculo.

A primeira divisão ou a pansa é a maior e depois desta vem a coalheira, sendo as mais pequenas o barrete e o psalterio. Toda a forragem mais grossa, comida pelos ruminantes, só é mastigada um pouco, passando pela guela para a pansa. Algum tempo depois de comida, a forragem, por um particular movimento, é trazida para cima e reconduzida pela pansa em pequenas porções ou bolas formadas no barrete até a boca, onde fica completamente mastigada e misturada com saliva, voltando finalmente pela guela e um particular canal do barrete, directamente para o psalterio, logar para onde se dirigem immediatamente todos os alimentos mais finos, sobretudo os fluidos. No psalterio continua o preparo dos alimentos para a digestão, e de lá elles passam finalmente para o quarto ou verdadeiro estomago, o qual é da mesma condição como qualquer outro estomago animal, exercendo as mesmas funcções. Tambem, quanto á sua vestidura inferior, as divisões do estomago differem essencialmente, mostrando a pansa uma membrana mucosa, guarnecida de muitas excrecencias, e o barrete-cellulas de cinco a seis cantos, ao mesmo tempo que o psalterio é munido de agudos; 96 tiras de pelles sem circulares e cellulares, de tres diferentes tamanhos, e o coalho de uma membrana mucosa e avelludada.

Os orgãos de respiração do gado vaccum são arranjados de maneira, que não permitem grandes esforços. Por isso, sendo os animaes inconvenientemente tratados, os bofes são facilmente inclinados a moléstias inflammatorias e putridas, que tambem em parte têm a sua origem ou sede nos mesmos orgãos.

A duração da vida do gado se estende até 25 annos, porém não é igual a sua utilidade durante esse tempo, e, por isso costuma-se calcular os seguintes tres períodos:

- 1.º, o da crecença, desde o nascimento até ao quarto anno;
- 2.º, o medeano, desde o 4.º até o 8.º anno;
- 3.º, o da decadencia, desde o 8.º até o 12.º, ou, quando muito, 15.º anno.

O primeiro destes periodos comprehende o desenvolvimento physico, que em grande parte se acha terminado no fim do terceiro anno, costumando, porém, de prolongar-se até ao quinto. No segundo periodo começa a utilidade do animal pela criação, leite e trabalho, enquanto que no terceiro pouco a pouco desaparecem essas vantagens, motivo por que então se trata de engordar os animaes, si as circumstancias locais não o recomendam mais cedo.

O jóven gado de ambos os sexos chama-se ordinariamente no primeiro anno *vitella*, enquanto que no segundo os animaes do sexo feminino são nomeados *novilho*, recebendo depois do primeiro parto o nome de *vaca*.

Os animaes destinados á criação chamam-se *toiros*; quando castrados tem o nome de *novilhos* até o quarto anno, sendo depois conhecidos como *bois*. *Gado dourado* chamam-se aos novilhos que ainda não serviram para a criação, assim como os animaes mais velhos, que ainda não pariram.

O instinto sexual se manifesta, nos novilhos bem nutridos já, na idade de um anno ou antes de acabado este periodo. O tempo da copula prescripto pela natureza será mais ou

menos depois de dous annos completados. O gado feminino, destinado á economia rural, é verdade que entra amarrado em diversas épocas do anno, mas o instinto sexual se mostra na maior parte nos animaes de pastagem, principalmente na primavera e verão. O termo médio da duração da prenhez é 285 dias. A vacca em geral só pare uma vitella; porém muitas vezes occorrem tambem partos gemeros, especialmente com animaes grandes e bem nutridos, enquanto que mui raros são os partos gêmeos.

A respeito das qualidades particulares do gado vaccum, pôde-se dizer que a sua *intelligencia* não é tão limitada, como geralmente se costuma suppor. Tudo depende do modo de tratar este animal para prestar quasi os mesmos serviços com cavallos adestrados, o que acontece na India, onde em maior parte faz as vezes do cavallo.

A isto se deve acrescentar a grande força e perseverança do gado vaccum, a sua importante produção de leite, cebo e carne, sua pelle, chifres, etc., do que claramente se explica a multiplicada utilidade e grande espalhamento destes animaes.

A mais propria habitação para o gado é um terreno de fertilidade mediana, em uma posição favoravel á crecença das grammas, naturalmente pressuppondo um clima mais humido, do que secco. Demasiada humidade ou logares pantanosos, pelo contrario, de nenhum modo convêm ao gado, porque o terreno alagadiço é acido em geral e as plantas por elle produzidas são a causa de diversas moléstias dos animaes, quando continuamente os pastam. Por isso, em toda a parte, onde o clima, posição e mantimento correspondem á natureza do gado, elle poderá ser criado com perfeição.

Um clima frio ou terreno magro e secco só produz uma raça pequena, e o mesmo tem logar nos paizes quentes, si as circumstancias locais não neutralisarem estes males mediante uma posição elevada e temperada. Tanto nos paizes quentes, como nos muito frios, a produção de leite é menos consideravel do que na zona temperada, na qual tambem se effectua mais perfeitamente a formação de cebo. Pelo contrario, nos climas quentes, a separação da gordura nas membranas cellulosas debaixo da pelle é mais forte. Igualmente, um grande calor ou frio facilmente causa prejuizo ao gado de lavoura e o loi se cansa de pressa, quando deve trabalhar continuamente durante o calor.

Os mais proprios alimentos para o gado são todas as melhores especies de grammas, trevo e outras plantas que crescem espontaneamente nos pastos e prados, cuja posição corresponde á sua natureza. Essas plantas em estado de verdura não contém, termo médio, mais do que quatro partes de agua sobre uma parte de substancia secca. Quando o gado, segundo a sua vontade, se pôde fartar dessas plantas, se poderá suppor, que tudo se acha em proporções regulares. Em parte por costume, em parte por composição de diferentes alimentos, o gado foi habituado a consumir um grande numero de outros mui diversos mantimentos, sem prejuizo para a sua saude, do que trataremos mais explicitamente, assim como de todos os outros assumptos por ora só ligeiramente julgados assim de investigar fundamentalmente a questão de uma criação de gado racional, que tão importante é para o Brazil em todo o respeito. Porém, antes disso, é preciso occupar-nos com aquellas raças, que merecem o maior apreço.

AS RAÇAS DE GADO VACCUM

Exercendo o clima, posição, solo e alimentação uma notavel influencia sobre a forma e constituição dos corpos organicos, que mui clara e visivelmente se observa nos nossos animaes domesticos e plantas de cultura, esta mesma influencia tambem não deixou de se fazer observar no gado vaccum, creando assim pouco a pouco em diferentes logares *variedades ou raças permanentes*, cujas principais qualidades se conservam e perpetuam continuamente. Para classificar devidamente

estas diversas raças, emprehendeu-se dividilas em diferentes classes; porém, observando-se entre estas sempre novas transições, a mencionada divisão frequentemente se torna incerta e variavel. Por este motivo, abster-nos-hemos de toda a divisão extensa, occupando-nos somente com duas raças, a saber: *as raças das montanhas e paizes baixos*, das quaes mencionaremos as mais estimaveis na seguinte descripção, com os respectivos desenhos que temos de agradecer ao insigne agricultor allemão, o Sr. S. N. de Pabst e a sua obra intitulada *Manual da criação do gado*.

Raças montanhezas da Suissa

O gado vaccum, indigeno da Suissa, Tyrol, Styria e outros paizes montanhezas limitrophes, constitue uma raça principal que pela sua forma se distingue mais visivelmente da raça dos paizes baixos. Esta forma em geral é compacta, vigorosa, bem arqueada, redonda, de pernas curtas, com cruz um pouco alta. Nas ancas e em geral exteriormente, a forma é redonda, o peito longo, o pescoço forte com papada robusta, a cabeça larga em proporção ao comprimento, os cornos de tamanhos regular, em maior parte virados para o lado e para fora. A cor é differente; porém ordinariamente escura, e tambem differem o tamanho e peso. Algumas destas raças na Suissa são de particular interesse, sendo empregadas em muitas partes para o melhoramento das raças menos perfeitas. As primeiras pertencem á raça vermelha, vermelha-salpicada e a negra-malhada que geralmente se encontram nos cantões de Berna e Friburgo onde os valles de Simmen e Sooner, ambos cobertos com curraes, apresentam excellentes animaes desta raça.

Dá-se-lhes no verão, especialmente por motivo da produção da lacteinóis, os pastos alpinos, offerecendo uma estrutura proporcional dos ossos, uma cabeça regular, chifres pequenos e pelle fina, e si de um lado abundam em leite, de outro a nova criação tem adquirido a bem merecida reputação de um rapido crecimento. A cor é, a maior parte, vermelha ou escura; porém, tambem, ha muitos animaes malhados; e muitos de entre elles tambem se apresentam até em trajos vermelho e malhado. Engordam-se facilmente, contudo a gordura e qualidade da carne são mediocres, apesar de não faltar com o alimento e tratamento. Os touros da raça do valle de Simmen mostram-se meio uteis para o melhoramento de diversas outras raças. O termo médio de peso das raças é de 1300 até 1400 libras, porém tambem chegam ás vezes a 1600 libras. Um touro de cinco annos, quando bem nutrido, pesa geralmente 2200, e um de sete annos até 2700 libras.

(O Auxiliador da Industria Nacional.)

Uma conferencia de Ballet sobre o hypnotismo

Da *Revista Academica* da Faculdade de Direito do Recife transcrevemos o seguinte interessante artigo:

«Sabendo hontem que o illustre professor Charcot encerrava seu curso com uma conferencia sobre assumpto importante que entende com a materia da 1.ª cadeira da 3.ª serie do curso juridico dessa faculdade, dirigi-me ao hospital da Salpêtrière, onde não tive a satisfação de ouvir o Dr. Charcot e sim o Dr. Ballet, que em presença daquelle fez uma longa e erudita preleção sobre a suggestão do crime.

Depois de estabelecer os principios relativos ao magnetismo, somnambulismo e hypnotismo, perante um auditorio de mais de duzentas pessoas, entre as quaes se notavam algumas senhoras graduadas em medicina, e velhos medicos estrangeiros, o professor Ballet expoz as theorias dominantes nos escolas de Pariz e de Nancy a respeito da suggestão do crime.

A escola de Pariz, de que é chefe o Dr. Charcot só reconhece como verdadeiro hypnotismo o que se desenvolve ou se realisa nas pessoas hystericas, considera o hypnotismo como uma névrose e consequentemente irrea-

lisavel nas pessoas sadias, de modo que, no entender dessa escola, são necessariamente nevropatas os individuos susceptiveis de hypnotismo.

Segundo Charcot e seus discipulos Richer, Feré, Brouardel e outros, o hypnotismo se manifesta, dando lugar a tres estados classicos — a letargia, a catalepzia e o somnambulismo, sendo seus phenomenos de origem puramente somatica.

Para a escola de Nancy, que se aproxima do systema de Lombroso e conta como esforcado defensor o Dr. Liégeois, professor da Faculdade de Direito de Nancy, o hypnotismo não é um facto pathologico e sim physiologico; não é uma nevrose, mas sim um estado de sono que se aproxima do sono natural, pôde ser produzido em individuos perfeitamente sãos e seus phenomenos tem uma origem psychica e não somatica.

A proporção que o Dr. Ballet expunha a doutrina da escola de Nancy para logo refutal-a, comprovava a theoria da escola de Paris com experiencias analogas, magnetizando e provocando o somnambulismo e hypnotisação em mulheres enfermas do hospital da Salpêtrière.

Expostas e elucidadas as theorias das duas escolas divergentes, occupou-se o Dr. Ballet em apreciar as consequencias medico-legaes, resultantes das duas doutrinas no caso de suggestão do crime.

Para a escola de Nancy, que admite o principio do automatismo somnambulico, não tem responsabilidade alguma o individuo que commette um crime provocado pela suggestão; Charcot e sua escola pensam que ha reponibilidade, posto que ordinariamente attenuada, conforme as circumstancias que occorrem.

Em prova desta theoria, o Dr. Ballet affirmou que os individuos influenciados pela suggestão executam o acto suggerido sempre com repugnancia, com resistencia, que se manifesta mesmo de de o momento da suggestão.

Em apoio de sua affirmação o illustre professor hypnotizou uma hystérica e suggeriu-lhe apunhalar o interno do hospital, entregando-lhe, como punhal, uma folha de papel enrolada.

Na occasião da suggestão a hypnotisada manifestou resistencia em obedecer, e, despertada, mostrou visivel repugnancia em realizar o acto suggestido, até que afinal acceitou-o do interno, converteu ami-tosamente com elle e affectando retirar-se descurregou a punhalada, sendo incontinenti atacada de uma formidavel crise nervosa.

Muito interessante foi essa conferencia, que terminou com prolongados applausos, pronunciando afinal o Dr. Charcot algumas palavras sobre o assumpto e encerrando o curso do verão, como aqui chamam ao curso de abril a junho.

DR. BARROS GUIMARÃES.

Progressos das machinas maritimas

(La Nature)

Para termos uma idéa dos notaveis progressos feitos desde uns dez annos na construcção das grandes machinas maritimas, basta lembrar uma communicação recentemente feita pelo Dr. Alfred Blechynden à *Listribution of Mechanic and Engineers*, communicação da qual extrahimos alguns factos e algarismos tão interessantes como caracteristicos.

Esta revista decenal dos progressos dos mecanismos maritimos tem tido um apparecimento regular, pois já foi feita em 1872 por M. Frederic Bramwell, e em 1881 por M. Francis Marshall.

Ha dez annos, pela communicação de M. Marshall, as machinas maritimas eram simplesmente de dupla expansão, e, para as longas travessias, a pressão media de 77 lb. 5 por pollegada quadrada (532,4 por centimetro quadrado) a velocidade do piston attingia 467 pés por minuto e o consumo de carvão era de

1 lb. 828 (0'5,825) por cavallo-hora indicado. Em 1881 havia somente douts *steamers* empregando a triplice expansão, o *Propantis* e o *Sacte*. De 1881 para a época actual os motores de triplice expansão tornaram-se regra geral e a pressão das caldeiras eleva-se já a 160 e 200 libras por pollegada quadrada (11 kilogrammas por centimetro quadrado).

Ha 10 annos a tiragem forçada era quasi que exclusivamente empregada nas torpedeiras e em alguns cruzadores; hoje ella é geral nos navios de guerra e frequentemente empregada nos paquetes. Augmentando a potencia especifica das caldeiras, a tiragem forçada permittiu a redução do consumo em cerca de 15 %, fazendo-se cair de 1 lb. 573 a 1 lb. 336 (0'5,605) por car cavallo-hora indicado.

Economisa-se, portanto, na queima do combustivel, em obter maior espaço para as mercadorias, e, enfim pôde-se ainda, graças á tiragem forçada, queimar combustiveis de inferior qualidade, cuja applicação ás caldeiras maritimas era até então interdita.

Os progressos das caldeiras são de ordem especial, só se traduzindo por alterações pouco importantes, por isso as calaremos.

Os progressos dos motores residem principalmente na adopção, hoje generalisada para as construcções modernas, de motores de triplice e algumas vezes de quadrupla expansão.

Imaginaram-se as mais variadas combinações para ligar as hastes dos tres ou quatro pistons á arvore que deviam accionar. A arvore motora do helice actualmente é sempre feita em diversas peças, o que apresenta grandes vantagens sob o ponto de vista de construcção e dos reparos. As bombas de circulação são centrifugas; mantem o condensador sempre frio e prestam innumerous serviços no esgotar agua, aberta accidentalmente.

Algumas explosões de tubos de vapor de cobre que se deram nos ultimos annos chamaram a attenção dos constructores para esta questão, tanto sob o ponto de vista da materia empregada como quanto á construcção. Mesmo conservando o cobre empregaram tubos sem solda, fundidos em uma só peça, mas a solução é insufficiente porque é impossivel obter assim tubos cujo diametro ultrapasse 0m.18. O cobre electrolyto obtido pelo processo Elmore está ainda em estado experimental. Por fim conseguiram-se bons resultados usando tubos de cobre soldados e rodeados por um cabo de aço ou por um fio de cobre ou de aço formando uma especie de bordado que augmenta consideravelmente a resistencia mecanica.

Foram tambem ensaiados tubos de ferro que deram bons resultados. Depois de certo tempo de serviço os tubos cobram-se de um oxido negro curiosamente striporulinas dirigidas no sentido da circulação do vapor e cuja espessura é inferior a um millimetro. Sendo sabido que os tubos de ferro resistem bem á acção do vapor e que os processos Mannesmann permittem fabricar tubos de ferro de grande diametro, é provavel que os tubos de ferro substituirão no futuro os tubos de cobre nas canalizações de vapor, não só na marinha como nas installações fixas.

O aço fundido emprega-se para juntas de tubos, para curvas, para sede de valvulas, etc. O aço fundido é preferido ao bronze, em razão da incerteza que ha relativamente á resistencia mecanica deste metal sujeito a uma temperatura elevada.

O emprego da helice dupla torna-se cada vez mais geral na marinha mercante e sobretudo a bordo dos *steamers* para o serviço de passageiros. Si os engenheiros na totalidade estão de accordo sobre a questão da maior segurança na marcha pelo emprego de duas helices e de dous motores separados, o mesmo não acontece quanto á questão do rendimento. E' opinião geral que o emprego da helice dupla augmenta o peso das machinas, mas isto não é com tamente verdadeiro, porque, para uma dada potencia o peso das machinas pôde ser reduzido na razão inversa da velocidade angular e será sempre possível fazer girar mais depressa as duas helices que um só da mesma potencia total.

A respeito da economia de combustivel, o consumo médio por cavallo-hora indicado é actualmente de 1 lb. 522 (0 kg., 690) e a pressão média eleva-se a 158 lb., 5 por pollegada quadrada (11 kilogrammas por centimetro quadrado).

A pressão dobrou em 10 annos e triplicou si remon farnos 19 annos para o passado. O consumo do carvão diminuiu de 16, 7 % em 19 annos. As velocidades angulares das helices em 1872, 1881 e 1891 são respectivamente representadas pelos numeros 100, 105 e 114, e as velocidades dos pistons pelos numeros 100, 121 e 140.

Foi, porém, sob o ponto de vista da potencia individual dos navios que se deram os maiores progressos. Em 1872 a maior potencia mecanica de um navio a vapor, era provavelmente a do *Arizona* que produzia 6.360 cavallos indicados. Em 1881 o *Alaska* produzia 10.700 cavallos, o *City of Rome* 11.800 e o yacht *Licadia* 12.500. Em 1884 já o *Umbria* e o *Etruria* attingiam 14.300 cavallos; Em 1890 o *Tentonic* produz 19.000 cavallos; o *City of New-York* e o *City of Paris* chegam á mais de 20.000.

O mesmo progresso manifesta-se na marinha de guerra. Em 1881 o *Inflexible*, o mais poderoso navio de guerra conhecido então, produzia 8.485 cavallos. Actualmente o *Italia*, o *Lepanto* e o *Re Umberto* produzem 19.000, o *Sturlema*, ora em construcção, produzirá 22.800 cavallos.

Os navios hoje em dia nos estalleiros representam uma potencia tripla da que possuam os maiores navios de ha 10 annos.

E' preciso não esquecer diz ao terminar M. Blechynden, que, si os progressos a realizar até ao fim deste seculo forem tão notaveis e importantes como os realizados nos dez ultimos annos, todavia traduzir-se-hão por algarismos menos esmagadores, porque os resultados tornam-se cada vez mais difficis de obter á proporção que nos approximamos da perfeição.

(Revista de Engenharia).

Relatório sobre a secção de artilharia da Forges et Chantiers de la Méditerranée apresentado ao vice-almirante Barão de Corumbá em seguida a visitas e estudos feitos em abril de 1891 pelo 1º tenente Carlos Barroca

(Conclusão)

PROJECTIS

Os canhões do tiro rapido atiram projectis de quatro especies diferentes:

- 1.º Projectis do aço de ruptura.
- 2.º Projectis communs do ferro fundido com carga explosiva e espoleta de percussão.
- 3.º Projectis ócos carregados com balas de chumbo endurecido e espoleta de duplo effeito.
- 4.º Projectis cylindricos para metralha.

Sómente das duas primeiras especies do projectis forneceram-se os cruzadores chileno; para os seus canhões.

Cada um destes projectis traz na parte posterior uma delgada cinta de cobre que serve para gui-los correctamente na alma do peça. O cartucho, do metal contendo a carga, é adaptado no projectil de maneira a formar um todo o tem tal conformação que a oclturação na culatra durante o tiro é perfeita — pelo que não ha necessidade de obturadores usando-se os cartuchos metallicos.

Os seguitos são os elementos dos canhões do 12 e de 15 cent. de tiro rapido, que pude obter na Forges et Chantiers.

ULTIMO MODELO

	Canhões de 12 centímetros	Canhões de 15 centímetros
Comprimento do canhão	45 e 48 calibres	45 e 48 calibres
Peso do canhão	297k para 15 calib. 573k para 45 calib.	
Peso do projectil de ruptura	24 kilos	40 kilos
+ Velocidade inicial	755 metros	721 metros
+ Peso da carga	5k 01	4k 50

+ Espécie da pol- vora	Polv. sem fumaça.	Polv. sem fumaça.
+ Pressão má- xima	2100 a 2550	2100 a 2500
Peso do cartu- cho metálico ..	7k950	13 kilos.
Velocidade do disparo	12 tiros por minuto	3 tiros por minuto

Os resultados obtidos com elementos mar-
cados + são variáveis.

POLVORAS PARA CANHÕES DE TIRO RAPIDO

Esta é actualmente uma das mais impor-
tantes questões attinentes à artilheia e em
geral a tudo quanto diz respeito a armamento
bellico e por essa razão procurei informar-me
acerca das polvoras empregadas nos canhões
de tiro rapido systema Canet.

Infelizmente, o mysterio de que se rodeiam
em todos os países os fabricantes e as cautela-
das tomadas por uns e outros afim de não se
desvelar o segredo da composição dos
seus explosivos, que julgam ser os melho-
res e mais efficazes — impediu-me de ter
na Forges et Chantiers os elementos neces-
sarios para aprofundar o que a respeito
já sabia e poz-me de sobre aviso quanto
à exactidão das informações não ministradas
officialmente.

A polvora, que usa-se nos canhões de tiro
rapido, é proveniente da fabrica de polvora
do governo de Sévran-Livry, uma daquellas
em que se preparam os explosivos para a
marinha e para o exercito francezes e em
especialidade a excellent polvora sem fuma-
ça que applicam ás suas armas. É de duas
especies diferentes, quanto aos nomes que
lhes dá a pyrotechnia conforme sua com-
posição, qualidades e aspecto physico; mas
em cada uma contam-se subdivisões, que re-
cebem notações diferentes.

A polvora com fumaça é a chamada pol-
vora parda e penso que é a polvora choco-
late, essencialmente lenta e como tal muito
propria para canhões de 45 e 48 calibres.

Parece que a mistura de uma materia resi-
nosa nas componentes da polvora commum,
além de sua adequada dosagem, deve a polvora
parda de Sévran-Livry idênticas qualidades
aquellas que, em outro relatorio especial-
mente consagrado ás polvoras, vimos que
possuam: a polvora chocolate allemã e as
inglesas SBC e EXE. Suas notações são as se-
guintes: Pb⁰, e Pb¹, Pb² e Pb³, sendo que esta
ultima a Pb³ é a que se emprega ordinaria-
mente nos canhões de tiro rapido de 12 e de
15 centímetros.

A polvora sem fumaça BN, disseram-me
ser a mesma polvora sem fumaça da inven-
ção do Sr. Vieille engenheiro de polvoras e
que por ter sido applicada á carabina Lebel,
que arma o exercito francez, é mais conhecida
por polvora Lebel. Se é assim e se a Socie-
dade pode fornecer, como me affirmaram, em
qualquer quantidade esse explosivo áquelles
que adquirem os canhões que ella fabrica—
não hesito em dizer que isto recommenda
muito a fabrica, em tão elevada conta é tida
a polvora sem fumaça Lebel por todos os
artilheiros e militares do mundo que de balde
procuram sua exacta composição, para fa-
brical-a.

A polvora sem fumaça vinda de Sévran-
Livry para a Forges e destinada ao comm-
ercio, juntam os engenheiros um corpo inofen-
sivo, com o fim de impossibilitar a analyse
chimica de sua exacta composição; essa mis-
tura, disseram-me mais, não altera nenhuma
das propriedades ballisticas.

Parece, porem, que podendo-se obter a pol-
vora sem fumaça nessas condições na quan-
tidade desejada é muito dispensavel sua ana-
lyse chimica, ficando-se em duvida se este
processo, attribuido aos engenheiros do Es-
tado, resolve completamente a questão de
conservar para uso exclusivo da França o in-
vento do Sr. Vieille, considerado em ligação
com a carabina Lebel a salvaguarda do país
e que os francezes guardam naturalmente
com o maior ciume.

As notações dadas ás polvoras sem fumaça
empregadas na Forges são diferentes das que
tem aquellas de que usa a marinha. Come-
çando pela designação geral—que não é mais

C o sim BN, succedem-se: a BN1, a BN2, etc.,
acrescentando-se-lhes mais, no indica 90, 91,
etc., para designar o anno de sua fabricação.
Assim BN291 polvora destinada aos canhões
de tiro rapido de 12 a 15 centímetros recém-
fabricada e vinda de Sévran-Livry é do se-
gundo lote expedido em 1891.

Peço-vos licença, ao concluir este relato-
rio, para fazer notar que procurei o mais
possivel, dando o resultado do exame a que
procedi no material apresentado pela Forges
et Chantiers, deixar de lado qualquer com-
paração entre os canhões do systema Canet e
aquelles a cuja construção assisto em New-
castle upon Tyne como um dos fiscaes do
governo. Fazendo-o, julgo que interpretei
correctamente o dever que me impunha a
commissão que fui desempenhar ao Havre a
vosso mandado, qual era de proceder a um
estudo preliminar—que foi levado a cabo em
12 dias—e não infelizmente a uma aprofun-
dada analyse que, unica poderia dar-me as
bases para pronunciar lealmente a minha
opinião, deante de factos e de multiplas ex-
periencias, sobre a preferencia a dar a este
ou aquelle fabricante de canhões.

Levando na devida conta a responsabili-
dade que cabo aos que tem de decidir a es-
colha de armamento para um país, e da qua-
lidade e superioridade do qual depende hoje
em grande parte o destino das guerras o o
das nações—o que não sou chamado a fazer
—não quero, contudo, calar minha opinião
a respeito de uma medida a tomar, o que me
parece ser do meu dever.

Refiro-me á artilheia do navio que constan-
te, vae ser construido para o Brazil pela
Forges et Chantiers no Havre. É de toda a
vantagem que ella seja do systema Canet,
cujos canhões se fabricam nas officinas da
sociedade na mesma cidade.

Se atrevo-me a formular tal idéa—que
estou prompto a justificar mostrando deti-
damente, de um lado as vantagens a adqui-
rir o do outro nenhum inconveniente da
introducção e de uma nova artilheia no
serviço, é porque sahi do Havre com a con-
vicção intima de que os grandes fabrican-
tes modernos da artilheia tem um for-
midavel competidor na Forges et Chan-
tiers no quanto na parte relativa a canhões
de tiro rapido.

É esta actualmente minha opinião e, como
me compete lealmente vol-a dou.

RENDAS PUBLICAS

ALFANDEGA DO RIO DE JANEIRO

Rendimento do dia 1 a 5 de janeiro de 1892.....	1.090:818\$035
Rendimento do dia 6.....	55:185\$111
	1.146:004\$046
Em 1891.....	837:758\$726

**MESA DE RENDAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
NA CAPITAL FEDERAL**

Rendimento do dia 1 a 5 de janeiro de 1892.....	105:184\$564
Rendimento do dia 6.....	17:916\$058
	123:100\$622

NOTICIARIO

Casamento civil—Na 14ª pretoria
foram lidos os primeiros proclamas de casa-
mento de Manoel José Pereira com Josephina
da Silva Monteiro e de José Joaquim Ferraz
de Carvalho com Maria Clothildes Ribeiro.

14ª pretoria—A primeira audiencia
desta pretoria, depois das férias, terá lugar
terça-feira, 11 do corrente, ás 11 horas da
manhã, no lugar do costume.

Correio—Esta repartição expedirá
malas hoje pelos seguintes paquetes:

Pelo *Rio Paraná*, para Paranaguá, Desterro,
Rio Grande, recebendo impressos até ás 9 horas
da manhã, cartas para o interior até ás 9 1/2
idem, ditas com porte duplo até ás 10 idem.

Pelo *Duca di Galliera*, para o Rio da Prata,
Matto Grosso e Paraguay, recebendo impressos
até ás 6 horas da manhã, cartas para o interior
até ás 6 1/2, ditas com porte duplo e para o
exterior até ás 7 idem.

Pelo *Graf Bismark*, para Santos, recebendo
impressos até ás 8 horas da manhã, cartas para
o interior até ás 8 1/2, ditas com porte duplo
até ás 9 idem.

Amanhã :

Pelo *Rio Parlo*, para Desterro e Rio Grande
do Sul, recebendo impressos até ás 9 horas da
manhã, cartas para o interior até ás 9 1/2,
ditas com porte duplo até ás 10, objectos para
registrar até ás 6 horas da tarde de hoje.

Pelo *Mathilde*, para Itapemirim, Victoria,
Caravellas e Cannavieiras, recebendo impres-
sos até ás 5 horas da manhã, cartas para o
interior até ás 5 1/2, ditas com porte duplo até
ás 6 idem, objectos para registrar até ás 6 da
tarde de hoje.

**Circulação monetaria na
França em 1891**—Pela terceira ou
quarta vez, ha um quarto de seculo, a admi-
nistração das finanças procedeu no dia 22 de
abril ultimo a um recenseamento methodico
do numerario contido em todas as caixas sob
sua guarda.

Em 1885, encontrou 52,8 milhões; em 1891,
achou 99,3 milhões. Tendo a preponde-
rancia do papel a accentuar-se, á medida que
augmenta a importação dos valores recolhidos,
era de esperar que se encontrasse ali
mais bilhetes o menos metal. Efectivamente
em 1891, a relação entre as especies e os
bilhetes era de 20 %, ao passo que em 1885
era de 32 %.

A proporção entre o ouro e a prata foi de
69,1 de ouro para 30,9 de prata. São os mes-
mos algarismos de 1885. A preponderancia
do ouro accentua-se em certas regiões, como
em torno de Pariz (Sera 81 %, Enre-et-
Loire 88 %) ou em certas localidades do cen-
tro (Crause 91 %, por exemplo). Nos departa-
mentos da fronteira o ouro é raro. O Banco
da Argelia, no dia 22 de abril, em uma receita
de meio milhão em ouro apenas recolheu 110
francos.

O ouro estrangeiro era na proporção de
11,4 %. Em 1885, a proporção era de 10,4 %.
Quanto á prata estrangeira os algarismos
correspondentes são 31,5 % em 1891 e 28,8 %
em 1885. Em 1878 a proporção era de 32 por
mil.

O Sr. d. Foville, procurando estabelecer, se-
gundo os dados desse inquerito, qual é appro-
ximadamente o stock metallico da França,
admitti que ella possui cerca de 3 bilhões de
moedas de 20 francos, de 700 milhões de
moedas de 10 francos e de 2 bilhões e 200
milhões de escudos de 5 francos.

O total elevar-se-ha assim a 6 bilhões ou
6 1/2 bilhões, conforme se tomar para a prata
o valor intrinseco ou nominal. É pouco, com-
parativamente com os 14 bilhões de ouro e
prata amoadados que a França ha um seculo
cunhou com as suas diversas effigies; mas é
ainda muito comparativamente a outros pa-
izes, nomeadamente a Inglaterra, á qual as
estatísticas nunca attribuiram mais de 2 1/2
bilhões de ouro amoadado.

**A população do Canadá em
1891**—Segundo o recenseamento effectuado
em abril ultimo, o algarismo total da popu-
lação do Dominion é de 4.823.344 habitantes,
tendo sido em 1881 de 4.324.810 habitantes.

O augmento foi portanto de meio milhão.
No periodo de 1871—1881 tinha sido de
672 000 almas. Nomeadamente, os canadien-
ses francezes que em 1881 eram em numero
de 1.073.000 na provincia de Quebec ultra-
passariam o algarismo de 1.400.000, si hou-
vessem conservado o crescimento de todas as
suas familias ha dez annos.

Ora, são apenas mais de 1.200.000, o que indica que som duvida mais de 200.000 de entro ellos foram estabelecer-se nos Estados Unid.s. Entretanto a população franco-canadense, no seu conjunto, apresenta um aumento de 14 %, ao passo que os inglezes não augmentaram sinão de 5 %. Na média o progresso é de 9 %.

Em summa, o ultimo recenseamento poz em evidencia os seguintes factos, que affectam mais as populações inglezes do que as populações canadenses: 1º, que a emigração nos Estados Unidos é constante; 2º, que a imigração europeia cada vez mais se vai reduzindo nas provincias primitivas do Canada; 3º, que a natalidade torna-se cada vez mais fraca tanto entre os inglezes; do Canada, como entre os dos Estados Unidos.

O conjunto dos francezes da America, canadenses, arcadios e Luisianenses eleva-se a cerca de 2.400.000 almas, a saber: 1.450.000 no Dominion; 400.000 nos Estados Unidos do Nordeste; 350.000 nos Estados do Oeste e 200.000 no resto, inclusive a Louisiana. Em 1881 era apenas 1.900.000.

Somno prolongado — Em Lansing, Michigan, offerceuse a consideração scientifica e despertou a curiosidade publica um caso de somno prolongado, de varias notavel.

Uma moça daquella localidade, miss May White, ha 135 dias que dorme, quasi sem interrupção! Esta moça, que é professora, foi atacada em julho ultimo por uma nephrite e, pouco tempo depois, por accessos epilepticos que chegaram a repetir-se 50 vezes por hora, quasi uma vez por minuto.

Por fortuna, eram de mui curta duração. Depois cahio no profundissimo somno em que se achia immersa, e ao qual só com muito trabalho se consegue arrancá-la.

A unica pessoa que tem esta facultade é o Dr. Brown, de Stockbridge, em casa de quem a enferma está vivendo e que está estudando este notavel caso; mas esse senhor mesmo necessita de mais de vinte minutos para despertar-a.

Permanece acordada meia hora, durante a qual toma algum ligeiro alimento e lê os jornaes, depois cae de novo na sua somnolencia.

Miss White, que pesava cento e vinte arrateis quando cahiu no especialissimo estado em que hoje se encontra, pesa na actualidade apenas cincoenta. Contudo, o Dr. Brown cre que ella vai ganhando ultimamente alguma coisa em peso, e espera que brevemente sahira do estado lethargico.

Uma milionaria na miseria — Um jornal de Madrid refere o seguinte acontecimento:

«Uma opulenta senhora, que habitava um esplendido palacio situado em uma rua que desemboca na Carrera de S. Jeronymo, achava-se reduzida á penuria.

Tudo naquelle palacio era rico e accusava esplendor e sumptuosidade; abundavam os ricos estofos, as preciosas obras de arte, os mais raros e formosos quadros, laxellas opulentas, joias do maior preço. Os bailes que lá se deram deslumbraram toda a gente pela sua magnificencia. Nos passos reaes não haviam tanto esplendor.

Um dia, o dono desse palacio morreu deixando uma fortuna de 140 milhões (cerca de 28.000 contos de reis). A viuva entrou logo na posse e usufructo de 46 milhões, continuando a habitar o sumptuoso palacio. Houve, no entanto, quem, disputando a herança, recorresse aos tribunaes.

Durante 10 annos, os processos succederam-se sem interrupção, gastando-se sommas enormes em advogados, aggravos, recursos, toda serie de cousas complicadas que a justiça cobre com o seu nome. Ao cabo deste tempo, a desventurada senhora tem de abandonar o palacio, achando-se toda a sua fortuna exaustada nas despezas dos processos que teve de sustentar.

O palacio, com os moveis, foi adjudicado a um credor p. r 77.000 duros. Em quasi todos

os estabelecimentos de moveis e objectos de luxo se acham á venda peças riquissimas, ao mesmo tempo que por varias casas andam individuos a offerrecer joias valiosissimas. A pobre senhora, no ultimo quartel da vida, não tem do passado sinão uma pungente recordação e nada mais. Teve, varias vezes, de sustentar dez processos ao mesmo tempo.

Desta senhora registram-se actos que affirmam a sua grandeza d'alma. Por occasião da epidemia do colera, em 1866, percorreu todas as casas dos bairros pobres, levando aos enfermos roupas, medicamentos e dinheiro. A sua carruagem ia sempre cheia de lençoes, cobertores, camisas, etc. Foram-lhe assignalados os serviços que durante essa conjunctura prestou, que o governo condecorou-a com a Cruz da Beneficencia.

Além destes actos de rasgada philanthropia, sustentou na emigração muitos infelizes que tiveram de abandonar a patria, soccorrendo ao mesmo tempo as suas familias; e quando a Hespanha, não satisfeita com a republica, tentou a restauração da monarchia, concorreu com sommas avultadas para que o throno fosse occupado por Alfonso XII.

A sua caridade era inexgotavel, e nunca ninguém a ella recorreu em vão. Para as victimas dos terremotos da Andaluzia e inundados de Murcia concorreu com grandes quantias.

Quando se recebeu em Madrid a noticia da morte de Pio IX, tinha organizado uma festa que importara em sommas valiosas; querendo associar-se ao lucto pelo fallecimento do chefe da igreja, addiu essa festa, não utilizando nada do que estava preparado.

Pois esta dama illustre, que tanto bem espalha e tanta riqueza possuia, está reduzida á indigencia.

Observatorio Astronomico — Resumo meteorologico dos dias 1 e 2 de janeiro de 1892.

N. DE ORDEN	DIAS	HORAS	BAROMETRO A 00	THERMOMETRO CENTIGRAO	TENSÃO DO VAPOUR	HUMIDADE RELATIVA
1	1	7 hs da noite..	752.93	23.9	13.85	80.0
2	2	1 » » manhã.	752.31	24.2	17.62	78.6
3	»	7 » » »	751.79	26.2	18.13	71.6
4	»	1 » » tarde..	751.21	21.4	13.33	81.0

Thermometro desabrigado ao meio dia: ennegrecido 53,0, prateado 36,0.
 Temperatura maxima 30,8.
 Temperatura minima 22,0.
 Evaporação 3,0.
 Oz me 7.
 Velocidade média do vento em 24 hs. 5m,0.

Estado do céu
 1) 10 neobertos por cirrus e cumulo-nimbus, vento SSE 6m,7.
 2) 0,5 encobertos por cirrus e cumulus, vento SE 3m,0.
 3) 0,3 encobertos por cirrus, vento nullo.
 4) 0,1 encobertos por cirrus e cumulus, vento SE 12m,5.

Santa Casa da Misericordia — O movimento do hospital da Santa Casa da Misericordia, dos hospicios de Nossa Senhora da Saude, de S. João Baptista, de Nossa Senhora do Socorro e de Nossa Senhora das Dores em Cascadura, foi no dia 5 de janeiro, o seguinte:

	Nac.	Est.	Total.
Existiam.....	763	682	1.445
Entraram.....	26	48	74
Sahiram.....	2)	33	53
Falleceram.....	5	10	15
Existem.....	764	687	1.451

O movimento da sala do banco e dos consultorios publicos foi, no mesmo dia, de 245 consultantes, para os quaes se aviaram 311 receitas.

Fizera-se 23 extracções de dentes,

PARTE COMMERCIAL

Mercadorias

Pela Estrada de Ferro Central

As mercadorias entradas no dia 4 de janeiro foram:

		Desde 1 do mez
Aguardente.....		3 pipas.
Café.....	262.516	925.223 Kilogs.
Carvão vegetal.....	2.867	25.567 »
Fumo.....	11.385	53.278 »
Milho.....	—	1.025 »
Queijos.....	1.747	8.112 »
Diversas.....	5.635	121.711 »

EDITAES E AVISOS

Brigada policial da Capital Federal

Concurrencia

O conselho de fornecimento receberá propostas, 5ª feira 14 do corrente mez, até ás 12 horas do dia em que serão abertas, para o fornecimento dentro do mais curto prazo de 150 cavallos, mansos, sem defeito algum, novos, gordos, com 1m,46 de altura, no minimo, comprehendida entre a raiz dos cascos e as cruces na vertical; 400 capotes de panno azul, para as praças de infantaria e 100 ponches do mesmo panno, forrados de baeta vermelha para as praças de cavallaria.

Deverão os capotes e ponches ser inteiramente iguaes aos typos existentes na arrecadação geral da brigada, e as propostas conter a expressa declaração de obrigar-se o contractante, acto continuo, ao deposito de 10 % sobre o valor total do contracto, para garantia de execucao do mesmo; sendo feitas em duplicata, com tinta preta, sem rasuras ou emendas, sellada a primeira via e depositadas, fechadas na respectiva caixa existente nesta secretaria.

Secretaria da brigada policial da Capital Federal, 7 de janeiro de 1892. — *Carlos Alberto da Cunha*, capitão secretario.

Secretaria do Estado dos Negocios da Fazenda

EDITAL

Locação do proprio nacional da rua do Carmo N. 26, nesta Capital

Em cumprimento ao despacho do Sr. Ministro dos Negocios da Fazenda, de 24 do corrente mez, faço publico que, no prazo de trinta dias, contados de hoje, recebem-se nesta secretaria do Estado, propostas, em carta fechada, para a locação do predio n. 26 da rua do Carmo, nesta Capital, pelo preço minimo de 8:400\$ (oito contos e quatro centos mil reis) annuaes.

O referido predio compõe-se de tres pavimentos assim divididos:

O primeiro, em quatro armazens, um dos quaes tem uma porta para a rua do Carmo e duas para a rua Sete de Setembro, e cada um dos outros para esta ultima;

O segundo, em seis compartimentos, tendo um duas janellas, das quaes, uma para a rua do Carmo e outra para a rua Sete de Setembro, e cada um dos outros uma para esta; e

O terceiro, em sete compartimentos, tambem com janellas; sendo a entrada do segundo e terceiro pavimentos pela referida rua do Carmo.

Secretaria do Estado dos Negocios da Fazenda, 30 de dezembro de 1891. — O official-maior, *Verissimo Julio de Moraes*.

Alfandega do Rio de Janeiro

Edital

Pela Inspectoria desta Alfandega se faz publico, para conhecimento dos interessados, que foram descarregados para esta repartiçao os volumes abaixo mencionados com signaes de avarias e de faltas, devendo seus donos ou consignatarios apresentar-se para providenciar a respeito :

Vapor inglez « La Plata ».
 Armazem n. 14.—Marca AN&C : 1 caixa n. 21, com falta.
 Marca GM—G : 10 ditas, repregadas, idem.
 Marca BI : 1 dita n. 2.602, idem. Idem.
 Marca SR&C : 1 dita n. 2.602, idem. Idem.
 Vapor inglez « Marcio ».
 Armazem da estiva—Marca FAMC : 5 caixas repregadas.
 Vapor inglez « Olbers ».
 Armazem n. 1—Marca GG : 5 quartolas, vassando.
 Vapor inglez « Rossi ».
 Armazem n. 9—Lettreiro Brazil : 2 barricas repregadas.
 Vapor inglez « Coleridge ».
 Armazem n. 9 Marca MNGA—CLD : 2 caixas ns. 605/6, repregadas.
 Vapor inglez « Patagonia ».
 Armazem de despacho—Marca F&B—SBC : 5 barris quelrados.
 Marca JC : 1 gigo idem. Idem.
 Marca P : 5 ditos idem. Idem.
 Marca VPA : 2 ditos idem. Idem.
 Marca JC : 3 tres ditos idem. Idem.
 Marca C&C : 3 ditos idem. Idem.
 Marca RP : 3 ditos idem. idem.
 Vapor inglez *Patagonia*.
 Armazem n. 3—Marca AAC : 1 fardo n. 525, roto. Manifesto em traducçao.
 Marca CFFP : 1 barrica n. 41, quebrada.
 Lettreiro Costa Braga Irmão & Comp : 2 caixas ns. 5.210 e 5.215, avariadas. Idem.
 Marca CFB : 1 dita n. 497, repregada. Idem.
 Marca CS&C : 3 barricas, avariadas. Idem.
 Marca HHS : 1 dita n. 7.060, quebrada.
 Marca P&S : 1 caixa n. 572, avariada. Idem.
 Marca Q : 1 barrica n. 52, com falta. Idem.
 Vapor allemão *Hamburgo*.
 Armazem n. 11—Marca BS&C : 1 caixa n. 997/5, quebrada. Manifesto em traducçao.
 Marca RR&C : 1 dita n. 4.330, repregada.
 Marca B&I : 1 dita n. 14, idem. Idem.
 Despacho sobre agua—Marca SG&C : 1 dita 10.013, idem. idem.
 Vapor allemão *Petropolis*.
 Armazem n. 16 — Marca CJC : 1 barrica n. 10.816, avariada. Manifesto em traducçao.
 Armazem da estiva—Marca JBF : 3 caixas, repregadas. Idem.
 Marca K&C : 2 ditas ns. 11.025 e 11.050, idem. Idem.
 Armazem n. 11—Marca AR&C : 1 caixa n. 821, idem. Idem.
 Marca B : 1 dita n. 102, idem. Idem.
 Marca CP&C : 2 ditas ns. 4.691 e 4.693, idem. Idem.
 Marca CA&C : 1 dita n. 21, idem. Idem.
 Marca JRG&C : 1 dita n. 182, idem. Idem.
 Marca IM : 1 dita n. 559, idem. Idem.
 Marca LO&S : 1 dita n. 1.310, idem. Idem.
 Marca MP&C : 1 dita n. 2.959, idem. Idem.
 Marca F—SM—C : 2 ditas ns. 2.361 e 2.362, idem. Idem.
 Marca SM—C : 2 ditas ns. 2.639 e 2.643, idem. Idem.
 Vapor allemão *Santos*.
 Sobre agua —Marca D&P : 1 caixa n. 10.457, repregada. Idem.
 Armazem da estiva — Marca SBF : 1 dita com falta. Idem.
 Armazem n. 10 — Marca LB : 1 dita, repregada. Idem.
 Marca LS : 1 dita n. 13.242, avariada.
 Armazem da estiva — Marca MG&C : 6 ditas, repregadas. Idem.
 Vapor francez *Cordoba*.
 Armazem n. 12 — Marca AS : 1 caixa n. 92, avariada. Idem.
 Marca GPI : 2 ditas ns. 60 e 65, idem.
 Marca CP : 1 dita n. 509, idem. Idem.
 Marca CRP—BTC : 3 ditas n.5007, etc., idem.
 Marca CB&C : 1 dita n. 5.507, idem.

Marca LCR : 1 dita n. 99, idem. Idem.
 Marca MM&C—D : 3 ditas, idem. Idem.
 Marca SG&C : 4 ditas, idem. Idem.
 Marca CCN : 1 fardo n. 4.762, idem. Idem.
 Marca RM&C : 1 caixa n. 393, idem. Idem.
 Vapor francez *Ortegul*.
 Armazem das amostras—Marca RM : 1 caixa, quebrada. Idem.
 Marca noruegvense *Rota*.
 Armazem n. 6 — Lettreiro Soares & Niemeyer : 1 mala vasia.
 Lugar sueco *Soda*.
 Armazem da estiva—Marca FPS—C : 18 caixas, avariadas.
 Marca HS&G—C 56 P : 4 ditas, idem idem.
 Armazem n. 16—Marca H&S&C—MF 8 : 2 caixas avariadas.
 Marca H&S&C—CB 56 : 3 ditas idem.
 Marca H&S&C—M 56 P : 1 dita idem.
 Marca H&S&C—C 14 : 11 ditas idem.
 Marca H&S&C—MF 56 : 3 ditas idem.
 Marca H&S&C—C 56 B : 3 ditas idem.
 Marca H&S&C—C 56 M, 1 dita idem.
 Marca H&S&C—CB 4 : 2 ditas idem.
 Marca HS—M 56 M : 2 ditas idem.
 Marca HS&C—M 56 B : 2 ditas idem.
 Alfandega do Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1891.—O inspector, *Alexandre A. R. Sattamini*.

Dia 2

Vapor inglez *Capulet*.
 Armazem n. 15—Marca AJL : 1 caixa n. 70, avariada e repregada.
 Marca AG&C : 1 dita n. 7, idem idem.
 Marca A—&—B—Rio : 11 ditas, idem idem.
 Marca AV&C : 2 ditas ns. 123/4, idem idem.
 Marca A—&—B—Rio : 1 barrica n. 2, idem idem.
 Marca A—M—62—Rio : 1 caixa n. 9, idem idem.
 Marca AV&C : 2 ditas ns. 117 e 119, idem idem.
 Marca C—F—F—Rio : 9 ditas, idem idem.
 Marca C—M—&—Rio : 18 ditas, idem idem.
 Marca FR : 18 ditas, idem idem.
 Marca HS&CV : 1 dita, idem idem.
 Marca JL&F : 2 ditas n. 620 e sem numero, idem idem.
 Marca JMCF&C : 1 dita n. 102, idem idem.
 Marca JB : 3 ditas ns. 8, 731 e 933, idem idem.
 Marca JC&C : 1 dita, idem idem.
 Marca K&CL : 3 ditas, idem idem.
 A mesma marca : 4 amarrados, idem idem.
 Lettreiro Lubre : 2 caixas, idem idem.
 Marca MM : 1 dita n. 16, idem idem.
 Marca NB : 21 ditas, idem idem.
 Marca M—J—N—Rio : 16 ditas, idem idem.
 Lettreiro Nelson Consulate : 1 dita, idem idem.
 Marca P&C : 3 ditas ns. 22/4, idem idem.
 Marca SG&C : 3 ditas ns. 624/6, idem idem.
 Marca SL&E : 20 ditas, idem idem.
 Marca N—RC—C—Rio : 8 ditas, idem idem.
 Marca JS—Montevideo : 10 ditas, idem idem.
 Marca D&C—JM&C : 23 ditas, idem idem.
 Marca JAB&C : 20 ditas, idem idem.
 Marca CH&C : 2 ditas ns. 391/2, idem idem.
 A mesma marca : 2 ditas ns. 375/6, idem idem.

Vapor inglez *Thames*.

Armazem n. 9.—Marca B—Z : 2 fardos ns. 311 e 314, avariados. Manifesto em traducçao.
 Marca DF&C : 1 caixa n. 40, repregada. Idem.
 Despacho sobre agua — Marca CPS&C : 10 ditas, idem. Idem.
 Armazem n. 9—Marca GP&C : 1 dita n. 4756, idem. Idem.
 Marca LS&C : 11 ditas, idem Idem.
 Vapor inglez *Patagonia*.
 Armazem n. 8—Marca K&C—R : 1 caixa n. 52/44, repregada. Manifesto em traducçao.
 Marca CB—B&C—R : 1 dita n. 3, idem. Idem.

Vapor inglez *Wordsworth*.

Armazem n. 16—Marca G&S : 1 barrica n. 85/68, repregada. Manifesto em traducçao.

Vapor belga *Hevelius*.

Armazem n. 1—Marca AJF&C : 1 caixa n. repregada. Manifesto em traducçao.
 Lettreiro Torre Eiffel : 2 ditas ns. 614 e 641, idem. Idem.
 Marca CCC : 2 ditas ns. 4514 e 4514, idem. Idem.
 Marca JAD : 1 dita n. 41, avariada. Idem.
 Marca JBI : 1 engradado n. 11, quebrado. Idem.
 Marca SM—WV : 2 caixas ns. 6.046 e 6.043, repregadas. Idem.
 Marca R—ZACW : 1 dita, idem. Idem.
 Armazem das amostras—Marca JAGS&C : 1 dita, avariada. Idem.
 Vapor allemão *Hamburgo*.
 Armazem n. 11—Marca AR&C : 1 caixa, n. 533, avariada.
 Marca BJ&M : 1 dita, n. 587, idem.
 Marca CLF—MN&C : 1 dita, n. 1751, idem.
 Despacho sobre agua — Marca GH&C : 4 ditas, idem.
 Armazem n. 11—Marca FB&C : 1 dita, n. 968, idem.
 Marca GM&C—K : 1 dita n. 2.600, idem.
 Despacho sobre agua—Marca HM : 4 rolos, idem.
 Armazem n. 11 — Marca HG : 1 caixa, n. 497, idem.
 Marca T : 1 dita, n. 404, idem.
 Marca M : 1 dita, n. 1, idem.
 Despacho sobre agua — Marca OP—J : 4 ditas, idem.
 Armazem n. 11 — Marca AW&W : 1 caixa, Despacho sobre agua — Marca CH&C : 5 ditas, idem.
 Armazem n. 11 — Marca JFG : 1 dita, idem.
 Despacho sobre agua — Marca SG&C : 2 ditas, ns. 10.030 e 10.025 idem.

Vapor allemão *Santos*.

Armazem n. 10—Lettreiro Comp. 1 fardo n. 3.143, roto. Manifesto em traducçao.
 Marca G&R : 1 caixa n. 1.245, repregada. Idem.
 Marca FSV : 1 dita n. 2.011, idem, idem. Idem.
 Marca F&O—AB&B : 1 dita n. 1.098, idem. Idem.
 Marca HS&C : 2 ditas ns. 422 e 1.091, idem. Idem.
 Armazem das amostras— Marca MP&G—B&R : 1 dita n. 1.705, idem. Idem.
 Armazem da estiva— Marca GS&C : 3 ditas, idem. Idem.
 Armazem n. 10—Marca FS&C : 1 dita n. 61, idem. Idem.
 Marca LR : 1 dita n. 1.046, idem, idem. Idem.
 Armazem da estiva—Marca NM&G : 1 dita, idem. Idem.
 Armazem n. 10—Marca RGN : 1 dita n. 2.522, idem. Idem.
 Marca FS&G—aliás—FS&V : 1 dita n. 2.011, idem. idem.
 Marca GG : 2 ditas ns. 2.643/4, idem, idem. Idem.
 Marca CP&C : 1 dita n. 2.555, idem, idem. Idem.
 Marca P&C : 1 dita n. 205, idem. idem. Idem.

Galera portugueza *America*.

Armazem n. 6— Marca SD&F : 4 saccos, avariados. Manifesto em traducçao.
 Sem marca : 6 volumes, idem. Idem.
 Marca A&C : 1 caixa, idem. Idem.
 Marca RS : 2 ditas, idem. Idem.
 Alfandega do Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1892.—O inspector, *Alexandre A. R. Sattamini*.

Dia 4

Vapor allemão *Petropolis*.

Armazem n. 11—Marca AC&C : 1 caixa n. 4.626, avariada e repregada. Manifesto em traducçao.
 Marca AV&C : 1 dita n. 2.693, idem. Idem.
 Marca A&C : 1 dita n. 132, idem. Idem.
 Marca B&S : 2 ditas ns. 3.913/14, idem. Idem.
 Marca BS&C : 1 dita n. 1.014/1, idem. Idem.

Marca BF&C: 2 ditas ns. 2.301 2 e 2.951 2, idem. Idem.
 Marca CFC: 1 dita n. 1861, idem. Idem.
 Marca CS&C—K: 1 dita n. 1.579, idem. Idem.
 Marca CRC—EP: 1 dita n. 735, idem. Idem.
 Marca FMB: 1 dita n. 1.053, idem. Idem.
 Marca JFPF&C: 1 dita n. 17, idem. Idem.
 Marca MPB: 2 ditas ns. 139/40, idem. Idem.
 Marca SM—C: 1 dita n. 1.187, idem. Idem.
 Marca FB&C: 1 dita n. 992, idem. Idem.
 Marca QT—G—B: 1 dita n. 1.765, idem. Idem.
 Vapor allemão *Graf-Bismark*.
 Armazem n. 6—Marca EM&C: 1 caixa n. 502, repregada. Manifesto em traducção.
 Lettreiro Pereira Bastos: 1 dita n. 1, idem. Idem.
 Lettreiro Societe du Gaz: 1 pacote n. 1, avariado. Idem.
 Vapor allemão *Itavaria*.
 Armazem n. 7—Marca AFS: 2 caixas ns. 5.476 e 5.475, quebradas e repregadas. Manifesto em traducção.
 Sobre agua—Marca A—C—C: 4 ditas, idem. Idem.
 Armazem n. 7—Marca DX: 2 ditas ns. 8.548 e 8.549, idem e com falta. Idem.
 Sobre agua—Marca FHH&C: 1 dita n. 22, avariada. Idem.
 Armazem n. 7—Marca PG&C: 1 barrica quebrada e vasando. Idem.
 Marca RE&C: 12 caixas, idem e repregadas. Idem.
 Marca SRC—MN&C: 1 dita n. 1.933, idem. Idem.
 Vapor francez *Colombia*.
 Armazem das amostras—Marca MH: 1 pacote, avariado. Manifesto em traducção.
 Armazem n. 6—Lettreiro Rosa M. & Santos: 3 caixas, repregadas. Idem.
 Marca AJL: 1 barril de 10', vasando. Idem.
 Marca AL: 1 dito de 5', idem. Idem.
 Marca S&D—S: 1 dito de dito, idem. Idem.
 Marca VW&C: 1 barrica n. 243, repregada. Idem.
 Marca EPR: 3 caixas, idem. Idem.
 Vapor francez *Oreouque*.
 Armazem n. 6—Marca JM: 1 caixa, avariada e repregada. Manifesto em traducção.
 Marca AT: 3 ditas, idem. Idem.
 Marca MB: 2 ditas ns. 1 e 2, idem. Idem.
 Sem marca: 1 dita, idem. Idem.
 Vapor francez *Aquitaine*.
 Armazem n. 6—Marca LM: 5 caixas, repregadas. Manifesto em traducção.
 Marca OO: 8 volumes de diversos numeros, quebrados. Idem.
 Marca G&MF: 2 ditos, idem. Idem.
 Vapor francez *Adour*.
 Armazem n. 8—Marca HAF: 1 caixa n. 2.606, repregada Manifesto em traducção.
 A mesma marca: 2 engradados ns. 2.610 e 2.614, avariados, idem.
 Marca CA—Torre Eiffel: 1 caixa n. 2.082, repregada, idem. Idem.
 Armazem n. 6—Lettreiro Barbosa & Comp.: 2 ditas, idem. Idem.
 Lettreiro—Zidor Gutthmann: 1 dita, idem. Idem.
 Armazem n. 8—Marca NS: 2 ditas, idem. Idem.
 Armazem da estiva—Marca T&B: 4 fardos rotos n. 1, idem. Idem.
 Marca HN: 2 caixas, com cupim, idem. Idem.
 Marca VII: 1 dita, idem. Idem.
 Marca T&B: 6 ditas, idem. Idem.
 Marca GCRM: 4 ditas, idem. Idem.
 Marca GN: 2 ditas, idem. Idem.
 Marca NS—24.818: 3 ditas, idem. idem. Idem.
 Marca T&B: 20 ditas, avariadas e repregadas, idem. Idem.
 Lettreiro Collares—P—M—O—C: 10 ditas, idem. Idem.
 Marca GCRM: 5 ditas, idem. Idem.
 Marca MF: 15 ditas, idem. Idem.
 Marca VII: 8 ditas, idem. Idem.
 Marca SNL—Campos: 5 ditas, idem. idem. Idem.
 Marca EA: 10 ditas: idem. Idem.

Marca D—AO&G: 2 ditas, idem. idem. Idem.
 Marca RD&C: 5 ditas, idem. idem. Idem.
 Marca HN: 4 ditas, idem. Idem.
 Marca NS—24. 818: 2 ditas, idem. idem. Idem.
 Marca AM: 4 ditas, idem. Idem.
 Marca CP: 3 ditas, idem. Idem.
 Marca RD: 2 ditas, idem. Idem.
 Marca CN: 4 ditas, idem. Idem.
 Vapor Inguez *Capulet*.
 Armazem n. 15—Marca AM 62 Rio: 1 caixa, n. 62, repregada. Manifesto em traducção.
 Marca B: 2 ditas, idem. Idem.
 A mesma marca: 2 barricas, ns. 4, 5, idem.
 Marca CF&C: 5 caixas, ns. 9, 10, 11, 14 e 15, idem. Idem.
 Marca AV&C: 1 dita, n. 120, idem. Idem.
 Marca AJL: 1 dita, n. 68, idem. Idem.
 Marca CID: 1 dita, n. 16, idem. Idem.
 Marca JSG: 1 barrica, n. 2, idem. Idem.
 Armazem n. 15—Marca MN&C: 4 caixas, n. 14, 17, 29/30, repregadas. Idem.
 Marca MIC: 1 dita, idem. Idem.
 Marca B&C: 1 dita, n. 22, idem.
 Marca SLL: 1 dita, n. 126, idem.
 Marca AS: 1 caixa, n. 17, avariada e repregada. Idem.
 Marca AM 62 Rio: 4 ditas, ns. 6, 7, 10 etc, idem, idem. Idem.
 Marca CF&C: 8 ditas, diversos numeros, idem, idem. Idem.
 Marca GM 63 Rio: 8 ditas, idem. idem. Idem.
 Marca HS&C: 1 dita, n. 74, idem, idem. Idem.
 Marca JHI&C: 2 ditas, ns. 28, 29, idem, idem. Idem.
 Marca JS&G: 3 ditas, ns. 3, 5, idem, idem. Idem.
 Marca M: 5 ditas, idem, idem. Idem.
 Marca P&C: 1 dita, n. 19, idem, idem. Idem.
 Marca SLL: 3 ditas, ns. 121, 2 e 125, idem, idem. Idem.
 Marca CH&C—Santa Catharina: 17 ditas, ns. 3/4, 272/3, 377/88, etc, idem, idem. Idem.
 Marca AS&C—P. Alegre: 1 dita, n. 25, idem, idem. Idem.
 Marca Viuva C&C: 8 ditas, ns. 1, 8, idem, idem. Idem.
 Marca AJL: 1 dita, n. 91, idem, idem. Idem.
 Marca K&C—L: 3 ditas, idem, idem. Idem.
 Alfandega do Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1892. — O inspector, *Alexandre A. R. Sattamini*.

Dia 5

Vapor francez *Santa Fé*.
 Armazem n. 6—Marca ASS: 2 gigos ns. 828/29, quebrados. Manifesto em traducção.
 Armazem n. 12—Marca B&C: 1 caixa n. 612, repregada. Idem.
 Marca D&C: 1 dita n. 5.285, idem. Idem.
 Marca G&H: 1 dita n. 2.101, idem. Idem.
 Marca GB&C: 2 ditas ns. 52 e 54, idem. Idem.
 Marca GA: 1 dita n. 10, idem. Idem.
 Marca JMR&C: 2 ditas ns. 9.958 e 9.932, idem. Idem.
 Marca JB&C: 1 dita n. 97, idem. Idem.
 Marca L&A: 1 dita n. 131, idem. Idem.
 Armazem da estiva—Marca M&W: 2 ditas n. 314, idem, idem.
 Marca SJP&S: 6 ditas, idem. Idem.
 Armazem n. 12—Marca SJP: 2 ditas, idem. Idem.
 Marca TB: 3 ditas, idem. Idem.
 Vapor francez *Alour*.
 Armazem n. 8—Marca CIL: 1 caixa n. 4.750, avariada. Manifesto em traducção.
 Lettreiro Companhia: 1 dita n. 3.035, idem. Idem.
 Marca LS: 1 dita n. 900, idem. Idem.
 Marca P—M: 2 ditas ns. 240 e 242, idem. Idem.
 Despacho sobre agua—Marca RD: 10 ditas, avariadas e repregadas. Idem.
 Armazem da estiva—Marca M—P—D—G: 10 ditas, idem. Idem.
 Marca BTP: 5 ditas, idem, idem. Idem.
 Marca SML: 5 ditas, idem, idem. Idem.
 D. spacho sobre agua—Marca F&C: 20 ditas, com falta. Idem.

Armazem da estiva—Marca F&L: 5 ditas, avariadas e repregadas. Idem.
 Despacho sobre agua—Marca WG&C—PK: 5 ditas, avariadas. Idem.
 Armazem da estiva—Marca AM: 5 ditas, idem. Idem.
 Marca CC—NN: 4 ditas, idem. Idem.
 Armazem n. 8—Marca AJF&C: 1 dita n. 5, idem. Idem.
 Marca DV: 1 dita n. 5.962, idem. Idem.
 Marca HAF: 1 dita n. 2.612, idem. Idem.
 Lettreiro Companhia Torre Eiffel: 1 dita n. 2.083, idem. Idem.
 Marca JM: 1 dita n. 656, idem. Idem.
 Marca C—P: 1 dita n. 997, idem. Idem.
 Marca AB: 1 dita n. 245, idem. Idem.
 Marca CP&C: 1 dita n. 2.392, idem. Idem.
 Vapor allemão *Itavaria*.
 Pateo—Sem marca 50 volumes, avariados, Manifesto em traducção.
 Vapor allemão *Petersburg*.
 Armazem n. 10—Marca AC: 1 caixa n. 91, avariada. Manifesto em traducção.
 Marca AA&C: 1 dita n. 892, idem. Idem.
 Marca BL: 1 dita n. 2.418, idem. Idem.
 Marca GG&C: 1 dita n. 198, repregada e avariada. Idem.
 Marca EM&C: 1 dita n. 8.417, idem. Idem.
 Marca FL: 1 dita n. 20, repregada. Idem.
 Marca FG&C—L&G: 1 dita n. 1.086, idem. Idem.
 Marca HJ: 2 ditas ns. 29/30, idem. Idem.
 Marca MS&C: 1 dita n. 329, repregada e avariada. Idem.
 Marca MG&J: 1 dita n. 12, idem. Idem.
 Marca ND: 1 dita n. 4.689, idem. Idem.
 Marca RJ: tres ditas ns. 5.999, 5.941 e 5.945, idem. Idem.
 Marca SA&G—F: 1 dita n. 6, idem. Idem.
 Marca VG&C: 1 dita n. 1.251, idem. Idem.
 Marca GCDA&T: 1 dita n. 4.677, idem. Idem.
 Marca BIM—L/3: 1 dita n. 174, idem. Idem.
 Vapor allemão *Petropolis*.
 Armazem n. 11—Marca Comp. K: 1 caixa n. 3.163, repregada.
 Marca CE: 1 dita n. 5, idem.
 Marca CS&C—K: 1 dita n. 1.553, idem.
 Marca FCCBC: 5 ditas diversos numeros, idem.
 Marca FV: 1 dita n. 8.528, idem.
 Marca HS&C: 2 ditas ns. 4 e 10, idem.
 Marca JCMC: 1 dita n. 4462, idem.
 Marca LC—AJL: 1 dita n. 5.100, idem.
 Marca GM&C: 5 ditas diversos numeros, idem.
 Marca QT&C—B: 1 dita n. 1.765, idem.
 Marca JBF: 3 ditas, idem.
 Marca S&N: 1 dita n. 6.863, idem.
 Vapor Austriaco *Mattekwitz*:
 Armazem n. 3—Marca AS: 1 caixa repregada. Manifesto em traducção.
 Marca AA&G: 1 dita n. 2390 idem. Idem.
 Marca CP&C: 1 dita n. 1434 idem. Idem.
 Marca C&F: 1 dita n. 4916 idem. Idem.
 Marca CIB: 1 dita n. 3037 idem. Idem.
 Marca GF—C: 2 ditas ns. 3011 e 3013 idem. Idem.
 Lettreiro Farani Nicola: 1 dita idem. Idem.
 Marca G de CC: diversos numeros 5 ditas idem. Idem.
 Marca JCC: ditos 4 ditas idem. Idem.
 Marca JBI: 2 ditas ns. 1471 e 1894 idem. Idem.
 Vapor belga *Hevelius*.
 Armazem n. 1—Marca AMSC&C: 1 caixa n. 40, repregada.
 Marca B—B: 1 barrica n. 1585, idem. Idem.
 Marca C&G: 4 encaçados rotos. Idem.
 Marca CCC: 6 caixas repregadas. Idem.
 Lettreiro—Torre Eiffel: 3 ditas n. 645, e 648, idem. Idem.
 Marca FMB—F&B 1 dita n. 1.543, idem. Idem.
 Armazem n. 1—Marca FP&S: 1 caixa repregada.
 Marca FMB: 1 dita n. 2.629, idem. Idem.
 Lettreiro—Gaz Rio: 1 dita n. 887, idem. Idem.
 Marca JBI: 2 ditas ns. 1 e 6, idem. Idem.
 Marca LFOV: 1 dita n. 946, idem. Idem.
 Marca RML: 20 barricas, idem. Idem.
 Marca ZAGW 1 caixa, idem. Idem.

Vapor inglez La Plata.

Patco—Marca CJH&C: 9 latas, vasando. Manifesto em traducção.

A mesma marca: 3 barris, idem. Idem.

Vapor inglez Thames.

Despacho sobre agua—Marca CPS&C—MN&C 8 caixas, repregadas. Manifesto em traducção. Marca FHH&C: 5 ditas, repregadas. Idem. Armazem n. 9—Marca JB&C: 1 dita n. 441, idem. Idem.

Despacho sobre agua—Marca JF&C: 5 ditas, idem. Idem.

Armazem n. 9—Marca K&C—R: 1 dita n. 4.818, idem. Idem.

Despacho sobre agua — Marca WT: 5 ditas, idem. Idem.

Vapor inglez Archimedes.

Armazem n. 9—Marca ABC: 1 caixa n. 200, avariada. Manifesto em traducção.

Marca AL&C: 1 dita n. 80 idem. Idem.

Marca AG&C: 1 fardo idem. Idem.

Marca BF: 1 caixa n. 8.637, idem. Idem.

Marca CP—C: 12 ditas idem. Idem.

Marca CTI: 1 dita n. 399, idem. Idem.

Marca E—X: 2 ditas ns. 8.538 e 8.541, idem. Idem.

Marca EOPB: 1 dita n. 6.38, idem. Idem.

Marca NF&C—WS: 2 ditas idem. Idem.

Marca PC&C—CX: 1 dita n. 114, idem. Idem.

Marca PC&C—II: 1 dita n. 1.779, idem. Idem.

Marca PC&C—BA&C: 2 ditas ns. 4 e 5, quebradas. Idem.

Marca S&M—R—W: 12 ditas idem. Idem.

Marca S&P: 1 dita n. 1, idem. Idem.

Marca SL&C: 2 ditas idem. Idem.

Marca SR&C—WS: 2 ditas idem. Idem.

Marca TM&C: 1 dita n. 8.502, idem. Idem.

Marca C—T—C: 1 dita idem. Idem.

Marca WM: 2 ditas ns. 4 e 5, idem. Idem.

Marca portugueza Al touca.

Armazem n. 6—Marca C&J: 1 caixa n. 248, avariada. Manifesto em traducção.

Marca C: 2 saccos rotos. Idem.

Alfandega do Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1892.—O inspector, *Alexandre A. R. Satturini*.

Contadoria da Marinha

ASSIGNATURA DE CONTRACTO

Grupos 20, 24, 33 e 36

Convida-se os negociantes José Antonio Gonçalves & Comp., Moreira & Ferreira, Companhia Industrial do Brazil e Frederico Vierling & Comp. a comparecer nesta repartição, no prazo de tres dias, contados da data da publicação deste edital, afim de assignarem os contractos dos artigos dos grupos acima, que lhes couberam nas preferencias dos respectivos conselhos de compras, para o fornecimento ao arsenal de marinha desta capital e ao commissariado geral da armada, durante o exercicio de 1892.

Outrosim, previne-se aos mesmos negociantes que o não comparecimento, no prazo estipulado, importa em uma multa de 5% na forma das ordens em vigor.

Contadoria da Marinha, 6 de janeiro de 1892.—O contador, *F. J. Ferreira*.

Commissariado geral da armada

Costuras

De ordem do Sr. capitão de mar e guerra, chefe do commissariado geral da armada, convido as senhoras matriculadas como costureiras desta repartição a reformarem as suas respectivas cartas de fiança até ao dia 15 do mez proximo vindouro.

Secretaria do commissariado geral da armada, 31 de dezembro do 1891.—*Luiz de Santa Catharina Baptista*, secretario interino.

Inspecção Geral das Obras Publicas da Capital Federal.

Fornecimento de dormentes para a Estrada de Ferro do Rio do Ouro.

De ordem do Sr. Dr. inspector geral se faz publico que nesta repartição, á praça da Republica n. 103, recebem-se no dia 16 do corrente mez, ao meio dia, propostas para o fornecimento de 10,000 dormentes de madeira de lei de 1ª qualidade para a Estrada de Ferro do Rio do Ouro.

As dimensões devem ser de 1 metro e 80 de comprimento, 0m,18 de largura e 0m,14 de espessura.

O prazo para todo o fornecimento será de quatro mezes, contados da data da assignatura do respectivo contracto.

Os dormentes deverão ser entregues em qualquer ponto ao longo da linha da Estrada de Ferro do Rio do Ouro ou na ponte de descarga na Quinta do Cajú.

As propostas deverão declarar as qualidades das madeiras, os logares da entrega, as quantidades que poderão fornecer por mez e o preço por duzia de dormentes.

As propostas poderão se referir a todo ou parte do fornecimento.

Os proponentes farão um deposito previo de 100\$ na thesouraria da Estrada de Ferro do Rio do Ouro para garantia da assignatura do contracto, ficando entendido que perderão o direito a essa quantia aquelles proponentes que forem preferidos e recusarem-se a assignar o respectivo contracto.

Os proponentes, cujas propostas forem acceptas, farão deposito no Thesouro Nacional da quantia correspondente a 10% da importancia dos fornecimentos, destinada a garantir a fiel execução do contracto.

As propostas, selladas e documentadas com o recibo da caução previa entregues nesta inspecção até o dia e hora fixado, serão abertas na presença dos proponentes que comparecerem á concorrência; não sendo acceptas as que posteriormente forem apresentadas.

Inspeção Geral das Obras Publicas da Capital Federal, 2 de janeiro de 1892.—*A. J. de Souza*, secretario.

Estradas de Ferro Central do Brazil

De ordem da directoria se declara, para conhecimento do publico, que a partir de sexta-feira, 8 do corrente, inclusive, se receberão mercadorias a despacho nas estações Central, Maritima e S. Diogo, ás segundas, quartas e sextas-feiras.

Escriptorio da Inspectoria Geral do Trafego, 6 de janeiro de 1892.—*Martins Guimarães Filho*, inspector geral interino.

Corpo de Bombeiros

Não tendo comparecido á concorrência que teve lugar a 17 de novembro ultimo, proponente algum que propusesse o fornecimento durante o 1º semestre do corrente anno, de objectos para escriptorio, couros e artigos semelhantes, madeiras e materiaes de construção, recebem-se novamente propostas em carta fechada até as 11 horas do dia 16 do corrente para o fornecimento dos alludidos objectos.

Os Srs. concurrentes deverão apresentar previamente amostras do artigos que pretendem propor, acompanhados de uma relação em carta fechada desses artigos e seus respectivos preços.

Por occasião da apresentação das propostas, cada proponente fará um deposito de 100\$, garantia da assignatura de seu contracto e depois deste assignado dará a caução de 10% da importancia calculada sobre o fornecimento provavel de um mez, servindo de base os do anno anterior.

Os impressos especificando os artigos acima acha-se á disposição dos Srs. proponentes na secretaria daquelle corpo, onde informa-se acerca das condições do fornecimento n. 5 dias uteis, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

Capital Federal, 1 de janeiro de 1892.—*Henrique Eugênio de Assis Loureiro*.

Escola Normal

Quinta-feira, 7 do corrente, serão chamados á prova oral de algebra (2ª chamada):

- D. Amelia Coutinho Cesar da Costa.
- D. Judith Tavares.
- D. Polyana Rosa da Cruz Araujo.
- Joaquim Villares Ferreira.
- D. Leonor Carvalho da Cruz Araujo.

No mesmo dia effectuar-se-ha a prova pratica de musica, á qual devem comparecer todos os inscriptos.

Secretaria da Escola Normal, 5 de janeiro de 1892.—O secretario, *A. Biolchini*.

Instituto Benjamin Constant

CONCURSO

De ordem do Dr. director, faço publico que, de hoje a 90 dias, acha-se aberta, nesta secretaria, a inscripção para o concurso ao logarvago de requerido do curso de sciencias e letras.

Todas as informações necessarias são fornecidas neste instituto, na praia da Saudade, todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Secretaria do Instituto Benjamin Constant, 30 de novembro de 1891.—*Arthur Duque E-trad. de Barros*, escripturario-archivista interino.

ANNUNCIOS

Banco Credito Mercantil

Ficam suspensas as transferencias de accões deste banco desde o dia 10 do corrente, inclusive, até a data em que começar o pagamento do 3º dividendo.

Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1892.—O director-presidente, *Andrelino Leite de Barcellos*.

Banco de Credito Garantido

1ª ASSEMBLEA GERAL ORDINARIA

Os Srs. accionistas são convidados a reunir-se em assemblea geral ordinaria, no dia 21 do corrente, á 1 hora da tarde, no salão do Banco Rural e Hypothecario, á rua da Quitanda n. 105.

Ordem do dia

Apresentação do relatorio da directoria e parecer do conselho fiscal;

- Approvação de contas;
- Conclusão da reforma dos estatutos;
- Eleição da nova directoria e conselho fiscal.

Em observancia ao disposto no § 4º do art. 18 dos estatutos, os Srs. accionistas possuidores de accões ao portador, são convidados a deposital-as na thesouraria do Banco, com a antecedencia minima de 3 dias, achando-se, nesse mesmo logar, á disposição dos Srs. accionistas, todos os documentos exigidos por lei.

Rio, 5 de Janeiro de 1892.—*A. P. da Costa Pinto*, presidente.

Banco União de S. Paulo

Transferencias de accões.

Faço publico que do dia 1º de janeiro de 1892 até aquelle em que for annunciado o pagamento do 3º dividendo, ficam suspensas as transferencias de accões deste banco.

S. Paulo, 22 de dezembro de 1891.—O presidente do banco.—*Antonio de Lacerda Franco*.

Rio de Janeiro, — Imprensa Nacional. — 1892.